



Vale do Sinos em crise.

Diagnóstico e perspectivas

Editorial

O importante pólo calçadista do Brasil, reconhecido pela alta produção de sapatos, está se encolhendo e reduzindo as atividades mês a mês. A crise que assola o setor, no Vale do Sinos, no Rio Grande do Sul, vem assustando trabalhadores e moradores da região que sobrevivem do calçado. Procurando compreender a dramática situação que se estende desde 2005, a *IHU On-Line* discute os vários aspectos da crise. Trata-se de uma crise conjuntural ou do esgotamento de um modelo que já deu o que tinha que dar? Para esse debate, convidamos **Eloísa Capovilla**, professora do PPG em História da Unisinos, que contribui com uma breve análise histórica da implantação da indústria do couro e do calçado na região. O Prof. Dr. **Adayr da Silva Ilha**, da UFSM, reflete sobre a história da formação econômica do Rio Grande do Sul a partir da história do desenvolvimento brasileiro. Segundo ele, “de nada adianta crescermos a altas taxas, se esse crescimento não servir para o resgate da dívida social do País”. O Prof. Dr. **Sérgio Schneider**, da UFRGS, atualmente na Inglaterra, analisa a situação do setor hoje. Ele destaca que uma solução imediata é impossível, e afirma que “não há alternativas capazes de serem instaladas no curto prazo de tempo”. O coordenador do PPG em Engenharia de Produção da Unisinos **Giancarlo Medeiros Pereira** avalia o impacto

das mudanças mercadológicas sobre o perfil de competências gerenciais nas empresas calçadistas gaúchas voltadas à exportação. Já **José Antônio Fialho Alonso**, cientista político, avalia que o setor calçadista do Vale do Sinos não irá recuperar o tamanho e a importância que alcançou na década de 1980. Para **Tarcísio Zimmermann**, deputado federal pelo PT-RS, o governo tem tentado ajudar o setor, mas “ainda não está sensibilizado para a gravidade” do quadro. Também participam do debate **João Batista Xavier da Silva**, secretário-geral da CUT-RS, **Francine Pujol**, recém-graduada em Moda, e **Armin Rudy Bloss**, vice-prefeito de Campo Bom.

As entrevistas são intercaladas com o depoimento de três pessoas que foram demitidas da Reichert Calçados, empresa que, até o fim de julho, demitirá todos os funcionários da sede, localizada em Campo Bom, no Vale dos Sinos, totalizando 400 novas demissões.

Ainda nesta edição da *IHU On-Line*, o impacto da reflexão filosófica de Richard Rorty, recentemente falecido, é comentado por **Gianni Vattimo**. Por sua vez, a morte do importante historiador dos Concílios Ecumênicos Giuseppe Alberigo é comentada pelo historiador brasileiro **José Oscar Beozzo**.

Somente no último final de semana estreou, em Porto

Alegre, *Batismo de Sangue*, de Helvécio Ratton, que é o Filme da Semana desta edição. Além disso, será exibido, nesta semana, no IHU, o filme *O céu de Suely*, de Karim Aïnouz. Sobre o filme, **Stella Meneghel**, professora do

PPG em Saúde Coletiva da Unisinos, tece observações pertinentes, em entrevista concedida à *IHU On-Line*.

A todos e todas uma boa semana e uma ótima leitura!

Leia nesta edição

PÁGINA 01 | Editorial

A. Tema de capa

PÁGINA 03 | A realidade do desemprego: testemunhos

PÁGINA 05 | A técnica de produzir sapatos. Aprendizado veio com os alemães

PÁGINA 06 | José Antônio Alonso: “O fenômeno das desigualdades regionais é próprio das economias capitalistas”

PÁGINA 09 | Sérgio Schneider: “Numa sociedade capitalista, sempre haverá competição”

PÁGINA 14 | Adayr da Silva Ilha: “Não basta fazer políticas liberalizantes”

PÁGINA 17 | José Giancarlo Medeiros Pereira: O Brasil está mudando de modelo de negócio, e não se desindustrializando

PÁGINA 20 | João Batista Xavier da Silva: Medidas contra a crise coureiro-calçadista

PÁGINA 23 | Tarcísio Zimmermann: “O governo ainda não está sensibilizado para a gravidade do quadro”

PÁGINA 27 | Francine Pujol: “A busca por profissionais da área do *design* de moda, resultou em um amadurecimento do setor”

PÁGINA 30 | Armin Rudy Bloss: Diversificar economia: estratégia de Campo Bom

B. Destaques da semana

» Entrevista da semana

PÁGINA 33 | Gianni Vattimo: Vattimo e Rorty, filósofos do pensamento “fraco”

» Artigo da Semana

PÁGINA 36 | Cristovam Buarque: O terceiro muro

» Memória

PÁGINA 37 | Hilari Raguer: Giuseppe Alberigo, historiador do Vaticano II

PÁGINA 40 | José Oscar Beozzo: Giuseppe Alberigo

» Teologia Pública

PÁGINA 45 | José Oscar Beozzo: A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Aparecida: propostas, ênfases e lacunas

» Filme da semana

PÁGINA 47 | *Batismo de sangue*, de Helvécio Ratton

PÁGINA 51 | Destaques On-Line

PÁGINA 53 | Frases da semana

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 57 | Agenda de Semana

PÁGINA 58 | Stela Meneghel: Corpo como mercadoria. *O céu de Suely*

PÁGINA 60 | Célia Doris Becker: Ficção e História em *O retrato*, de Erico Verissimo

PÁGINA 64 | Vera Haas: “Cinema como arte que incita ao questionamento”: *Quanto vale ou é por quilo?*

PÁGINA 67 | Perfil Popular: Eva Elísia de Moura

PÁGINA 69 | IHU Repórter: Jairo Henrique Rogge

A realidade do desemprego: testemunhos

Por telefone, a IHU On-Line fez contato com trabalhadores que perderam seus empregos no setor coureiro-calçadista em função da crise que vem se arrastando em nosso Estado. Todos trabalhavam na Reichert Calçados, em Campo Bom, empresa que até junho irá demitir todos seus funcionários, totalizando 400 pessoas, no município, e quase 5 mil em todo o estado. Dos três entrevistados, nenhum conseguiu ainda um trabalho formal, e estão “se virando” com as parcelas do seguro desemprego. Situação difícil, delicada tanto para quem tem família para sustentar como para quem está apenas começando sua trajetória profissional e não vê perspectivas concretas para uma mudança. Mesmo assim, eles não perdem a esperança, e acreditam que a crise é passageira.

O sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, www.unisinos.br/ihu, vem dando amplo espaço e cobertura à crise do setor. Sobre o tema, confira a entrevista O impacto sobre o setor calçadista continuará sendo negativo, concedida pelo Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa na edição 224, intitulada Os rumos da Igreja a partir de Aparecida de 18-06-2007. Leia, também, a reportagem A crise do setor calçadista vista a partir dos trabalhadores demitidos, publicada em 20-04-2007, e a entrevista Crise no setor calçadista brasileiro, concedida por Ênio Erni Klein em 12-04-2007. O material pode ser acessado no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). Neste mês, a equipe da IHU On-Line foi à cidade de Campo Bom, e conversou com alguns trabalhadores que foram vítimas das demissões em massa que estão ocorrendo na região. A reportagem Campo triste. Vale do Sinos está sufocado pela crise, pode ser conferida nas Notícias do Dia de 1-6-2007, e na edição número 222, Rûmi. O poeta e místico da dança do Amor e da Unidade.

“Se não tivermos esperança, o que vai ser de nós?”

“Até o dia 22 de março, eu trabalhava no setor de modelagem da Reichert Calçados, em Campo Bom. Eu fazia de tudo um pouco: costurava, preparava os pares de sapato. Estava há um ano nessa empresa, e gostava de lá. Quando voltamos das férias, fomos imediatamente demitidos. No meu setor foram 10 pessoas demitidas. No total, a empresa demitiu 50 pessoas. No momento, estou vivendo do meu seguro-desemprego. O problema é que já recebi duas parcelas, e agora restam apenas três. Não consigo encontrar emprego, pois está muito difícil conseguir outra colocação. Para piorar tudo, meu marido, que trabalhava como segurança, perdeu o emprego semana passada. É a tal ‘contenção de despesas’. Meu irmão, que também trabalhava no setor calçadista, também está desempregado. Mas, no fundo, eu tenho esperança que essa crise melhore. Se não tivermos esperança, o que vai ser de nós? Temos um filho de 8 anos para criar.” *Celíria de Fátima Santos Brito, 34 anos, moradora de Campo Bom*

A técnica de produzir sapatos. Aprendizado veio com os alemães

A industrialização no Rio Grande do Sul, principalmente no Vale do Sinos, como descreve a professora e doutora em História, Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos, da Unisinos, iniciou com a imigração dos alemães. Eles trouxeram para o Brasil a técnica de trabalho do curtume. “Nos anos 1948, 1950 aparecem as primeiras estatísticas de São Leopoldo, mostrando um número muito grande de curtumes na região”, conta a professora, em entrevista concedida por telefone à *IHU On-Line*. Nesse primeiro momento, ressalta Eloísa, os imigrantes ainda não produziam sapatos. Eles eram, até então, grandes produtores de material para o Exército Brasileiro. “A ‘indústria’ era de pelegos e, principalmente, arreios para cavalos, que eram trabalhados de forma artesanal, com desenhos no couro e aplicações de prata e ouro”.

No início do século XIX, já no período republicano, é que começou o incremento da produção. A partir dessa época, explica Eloísa, os alemães da região do Vale do Sinos, começaram a produzir tamancos artesanais, que mais tarde foram originando as primeiras empresas calçadistas do Vale. “Esses primeiros calçados eram mais rústicos, simples, feitos para usar na lavoura, no dia-a-dia.”

Somente com a crise na agricultura, especialmente no setor cafeeiro, iniciou-se a industrialização do Brasil, em 1930. A historiadora destaca que as crises internacionais, principalmente a queda na Bolsa de Valores, nos Estados Unidos, também contribuíram para as mudanças no país tropical. Desse ano em diante, gradativamente os pequenos artesãos foram aumentando a produção,

criando botas e sapatos. “Aos poucos foram evoluindo para os calçados especialmente femininos”, acrescenta a professora, que dispara: “o ‘boom’ da indústria calçadista está ligado com o desenvolvimento industrial do Brasil, já na década de 1940, em diante”. Assim, no final do século, “especialmente na área de Novo Hamburgo, houve o desenvolvimento de uma indústria coureiro-calçadista”.

Dos anos 1930 a 1980, o Brasil e o Rio Grande do Sul desenvolveram-se com uma produção econômica ligada diretamente à indústria. “No Rio Grande do Sul, certamente, esse período foi influenciado pela indústria do calçado.” Com o enriquecimento da produção no Vale do Sinos, destaca a professora, abriu-se espaço para a comercialização dos produtos gaúchos no mercado mundial. “A profissionalização do setor fez com que Novo Hamburgo tivesse, em boa parte desse período, uma das maiores rendas *per capita* do Brasil”, lembra.

Com a industrialização, surge uma migração para a região do Vale. “Buscando uma vida melhor, um salário melhor. Os agricultores migraram para as cidades, com o objetivo de trabalhar nas fábricas.” Essa mudança radical, ressalta Eloísa, “tinha um lado compensador: as boas condições salariais que essas cidades poderiam oferecer”. Em menos de trinta anos, o número da população urbana na região dobrou, chegando em 1980, a 80% da população.

Atualmente, com a crise que se arrasta desde os anos 1990, o processo está se invertendo. Com demissões em massa, a população, sem perspectiva de vida, retorna, aos poucos, para a cidade de origem. “Esse é um

problema grave, que pode acarretar muita miséria e violência”, aponta a professora.

Para entender os motivos que originaram a crise de um setor que viveu, por quase 50 anos, momentos de glória, e as possíveis soluções para os problemas originados até

então, acompanhe as entrevistas que seguem no decorrer desta edição. Notícias sobre o assunto podem ser acompanhadas nas *Notícias do Dia* do sítio da *IHU On-Line* (www.unisinos.br/ihu).

“O fenômeno das desigualdades regionais é próprio das economias capitalistas”

ENTREVISTA COM JOSÉ ANTÔNIO ALONSO

Para o cientista político José Antônio Alonso, as exportações que iniciaram na década de 1960 permitiram “o grande salto da economia do Vale do Sinos”. Esse processo, segundo ele, consolidou “o mais sólido cluster de couro e calçados do País no Vale do Sinos”. No entanto, a aglomeração de atividades num único local, ressalta o professor, trouxe “consigo ganhos e perdas para a produção urbano-industrial e para a população”.

Em entrevista exclusiva, por e-mail, à IHU On-Line, ele afirmou que “no médio e no longo prazo, é possível que a cadeia couro/calçados ainda recupere algum espaço na produção industrial do Estado”. No entanto, destaca que “não podemos esperar que recupere o tamanho e a importância que alcançou no passado”. Alonso é pesquisador da Fundação de Economia e Estatística (FEE).

Cientista político e economista graduado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), cursou especialização em Administração Municipal no Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM) e em Atualização em Economia Regional na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Fez o mestrado em Economia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com a tese Evolução das desigualdades inter-regionais de renda interna no Rio Grande do Sul 1939-70. Escreveu o livro Evolução das desigualdades inter-regionais de renda interna no Rio Grande do Sul 1939-70 (2. ed. Porto Alegre: FEE, 1986) e é um dos autores de Áreas estatisticamente comparáveis do Rio Grande do Sul. 1940-80: renda interna (Porto Alegre: FEE, 1986) e Crescimento econômico da região sul no Rio Grande do Sul: causas e perspectivas (Porto Alegre, RS: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 1994).

A entrevista foi concedida à *IHU On-Line*, por e-mail.

IHU On-Line - Por que a concentração das fábricas de calçados acentuou-se na região nordeste do Rio Grande do Sul? A que fatores o senhor atribui essa aglomeração?

José Antônio Alonso - A resposta a essa questão deve ser buscada nas origens da ocupação dessa parte do Estado. A ocupação pelos primeiros imigrantes de origem germânica deu-se a partir de São Leopoldo. Quase todos os municípios do Vale do Sinos, um dia, fizeram parte do território de São Leopoldo. Os grupos sociais aí estabelecidos contavam com pessoas habilitadas para trabalhar o couro, especialmente na produção de calçados, embora a região não fosse grande produtora da matéria-prima básica. Obviamente, não eram as fábricas de hoje. Tratava-se de produção artesanal que, com o passar do tempo, aumento da população e dos mercados, evoluiu para pequenas fábricas. Por muito tempo, o mercado para os produtos da cadeia couro/calçados foi a “grande Porto Alegre”, o Estado e outras regiões do País, particularmente o Sudeste brasileiro. Desenvolveu-se, nesse recorte territorial do Estado, uma aglomeração de produtores que acabou por moldar a formação de outras atividades vinculadas ao couro/calçados. Essa aglomeração, certamente, proporcionou ganhos, em termos de redução de custos, a todos os agentes econômicos ali estabelecidos, assegurando-lhes competitividade frente a potenciais concorrentes de outras regiões do Estado e do País. Por volta de 1967/1968, a política econômica da União voltou-se para as exportações. Essa política, combinada com a iniciativa de produtores calçadistas em expandir seus mercados, via mercado internacional, permitiu o grande salto da economia do Vale do Sinos. Os anos 1970 e 80 foram de grande expansão da produção calçadista para exportação. Esse movimento acabou por consolidar o mais sólido cluster de couro e calçados do País no Vale do Sinos, nos anos 1990 e no início desse século. Todavia, reservariam dificuldades para esse setor, assunto que

iremos comentar no âmbito de outra questão colocada mais adiante.

IHU On-Line - Em artigo publicado no *Jornal Extra Classe*, o senhor afirma que tanto a Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) e a Aglomeração Urbana do Nordeste (AUNE) produziram em 2000, 64,5% de toda a produção industrial e ofertavam 53,4% dos serviços, tudo em apenas 5,5% do território Estadual. Partindo desse contexto, quais são as principais vantagens e desvantagens da aglomeração industrial nessas regiões?

José Antônio Alonso - Esse artigo¹ foi escrito para chamar a atenção para a questão da concentração de atividades em determinados espaços do território e seus impactos sobre a localização de atividades e o bem-estar da população. A aglomeração de atividades é um fenômeno vinculado às necessidades do desenvolvimento capitalista. Esse movimento traz consigo ganhos e perdas para a produção urbano-industrial e para a população. A aglomeração de atividades e de população proporciona ganhos (desiguais) até determinado limite de tamanho, a partir do qual, ou antes disso, é necessário realizar correções de rumo, sem o que custos adicionais elevados são gerados e absorvidos por agentes econômicos e população. Esses custos decorrem de pressão excessiva sobre os recursos naturais (espaço urbano, recursos hídricos, áreas de preservação, destino final para esgotos e lixo industrial e domiciliar, espaços de circulação etc.). Além disso, há também os inevitáveis custos decorrentes do excesso de congestionamentos generalizados que se estabelece em áreas urbanas de escala e complexidade metropolitana. As vantagens da aglomeração são explicadas pela própria “prosperidade” assumida por essas áreas quando comparadas com outras regiões onde o crescimento sócio econômico revela-se menor. O

¹ O artigo referido está disponível no sítio da IHU, nas *Notícias do Dia* 19-06-2007. Acesse: www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

tamanho e a complexidade urbana, até um certo limite, proporciona possibilidades de ganhos em termos de economias de escala e de escopo.

IHU On-Line - Por que há tantas desigualdades na economia regional do RS?

José Antônio Alonso - O fenômeno das desigualdades regionais é próprio das economias capitalistas. O Rio Grande do Sul não detém o monopólio das desigualdades regionais. Elas existem também nos demais estados, em maior ou menor grau. O que tem sido destacado nos estudos dessa área é a persistência e o alargamento das mesmas no longo prazo. Esse problema pode estar contribuindo para o desempenho da economia gaúcha abaixo da sua capacidade potencial. Isso significa menos renda e emprego. É possível mitigar esse problema através de política econômica de combate às desigualdades.

IHU On-Line - O Rio Grande do Sul, principalmente a região do Vale do Sinos, está passando por um processo de desindustrialização?

José Antônio Alonso - Não é possível, rigorosamente, falar sobre um processo de desindustrialização na região do Vale do Sinos como um todo. Sendo um segmento extremamente grande na região, a expansão ou encolhimento da cadeia couro/calçados na região é muito sentida, devido à queda na renda e no emprego. Esse setor passou a enfrentar dificuldades crescentes nos anos 1990, com a abertura da economia, a redução do apoio governamental (políticas de corte neoliberal), a emergência de concorrentes poderosos (China) em terceiros mercados e no mercado doméstico (estimulado também por câmbio apreciado) e também por busca de locais de custos mais baixos. Portanto, são muitos os fatores causadores do encolhimento do setor no Vale do Sinos. O movimento em direção aos Estados do Nordeste faz parte da mobilidade espacial de capitais industriais

na busca de salários mais baixos, terrenos e infraestrutura subsidiados, e possivelmente benefícios fiscais mais elevados do que os obtidos em seus locais de origem. O segmento couro/calçados não irá desaparecer do Vale do Sinos e sim diminuir de tamanho.

Provavelmente, restarão aqueles agentes que adotarem inovações em produto, processo e gestão e que estabelecerem estratégias de atingir mercados, nos quais a concorrência seja mais favorável. Quanto à concorrência com produtos da China no mercado doméstico, a solução, não definitiva, mas eficaz, é a velha e boa proteção, seja através de tarifas, seja através das muitas formas não tarifárias.

IHU On-Line - As empresas de calçados contribuem de maneira positiva para o estado? Com o fechamento em massa de várias indústrias, quais desvantagens e prejuízos no longo prazo?

José Antônio Alonso - As empresas da cadeia couro/calçado sempre contribuíram positivamente para a economia do Estado. Trata-se de uma atividade que criou sólidas raízes na região do Vale do Sinos: difundiu toda uma cultura de trabalho com uma matéria-prima que é parte da base-econômica do Estado, o couro. No seu auge (décadas de 1970 e 1980), chegou a gerar 1/3 dos empregos formais da Indústria de Transformação do Estado, tendo exercido importante papel como gerador de divisas através das exportações, quando as condições gerais e de câmbio eram mais favoráveis. No médio e no longo prazo, é possível que a cadeia couro/calçados ainda recupere algum espaço na produção industrial do Estado, mas não podemos esperar que recupere o tamanho e a importância que alcançou no passado. A Região do Vale do Sinos terá que reestruturar-se, partindo para um processo de diversificação industrial. Não será a primeira nem a última região a percorrer esse caminho.

“Numa sociedade capitalista, sempre haverá competição”

ENTREVISTA COM SERGIO SCHNEIDER

“Não há alternativas fáceis e capazes de serem instaladas no curto prazo de tempo”, afirma o professor e cientista social Sérgio Schneider, referindo-se à atual crise do setor calçadista, que se acentua, nos últimos dois anos, na região do Vale do Sinos. Schneider explica que a região levou 30 anos para se industrializar e que, agora, não há como “mudar o rumo, a estrutura social e produtiva e, sobretudo, as mentalidades e perspectivas das pessoas em pouco tempo”, porque, a geração do Vale é formada por “pais e filhos de uma mesma família, que só aprenderam a fazer sapato”.

Mesmo com o agravamento da crise, ele acredita que não “haverá tão cedo outro setor que possa substituir o calçado na região”. E dispara: “a questão é produzir um processo de mudança geral de dentro para fora, que começa no chão de fábrica e se estende até o poder público local”. No entanto, numa era globalizada e interdependente, acrescenta Schneider, “não dá para descontextualizar a crise e considerar que a resolução do problema é de foro doméstico, ou seja, em nível nacional”. As declarações foram dadas em entrevista exclusiva, por e-mail, à IHU On-Line.

Sérgio Schneider é professor do programa de pós-graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, ele está na Inglaterra participando de um programa de pós-doutorado. Sobre os produtos nacionais no País, ele comenta que em Londres não se encontram sapatos brasileiros nas lojas. “Tudo é ‘made in China’. E não é apenas calçado, mas roupas em geral: tudo é fabricado na China”.

Graduado em Ciências Sociais pela UFRGS, Schneider cursou mestrado e doutorado em Sociologia. O mestrado foi feito na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com a dissertação Os colonos da indústria calçadista: expansão industrial e as transformações da agricultura familiar no Rio Grande do Sul, e o doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com a tese Agricultura familiar e pluriatividade. Schneider é pós-doutor pela Universidade de Cardiff, na Grã-Bretanha. É autor de Agricultura familiar e industrialização. Pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul (Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999); A pluriatividade na agricultura familiar (Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003); e A diversidade da agricultura familiar (Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006).

Eis a entrevista.

IHU On-Line - Por que, na região do Vale do Sinos, o setor calçadista cresce e decresce com tanta instabilidade, nos últimos anos? Esse não é mais considerado um setor dinâmico na região?

Sérgio Schneider - Na verdade, a instabilidade do setor calçadista e da região do Vale do Sinos começou por volta de 1994-95, quando teve início a política cambial macroeconômica de equiparação do real ao dólar, o que produziu uma apreciação do valor da nossa moeda frente ao dólar e, como conseqüência, perda da capacidade de competição nos mercados internacionais. Antes deste período, tomando como marco o ano de 1970, não havia instabilidade, mas crescimento. Aliás, o Vale do Sinos foi uma das únicas regiões que registrou crescimento econômico dinâmico durante os anos da década de 1980, chamada pelos analistas de “década perdida”, devido à estagnação e à instabilidade daquele período. Desta época para cá, as subidas e descidas sucederam-se, sempre ao sabor das mudanças macroeconômicas. Os especialistas em comércio mundial estão alertando a tempo para o fato de que o calçado é uma mercadoria que depende muito do fator mão-de-obra intensiva. Infelizmente, nestes últimos dez anos, a indústria de calçados mundial foi para regiões onde o preço da mão-de-obra era menor do que na região do Vale do Sinos. Esta é uma tendência inexorável. E não dá para entrar nesta de que o operariado do calçado da região do Vale do Sinos é que está ganhando bem e que, por isso, as empresas estão indo embora. O que ocorre é uma concorrência predatória em termos globais, que em alguns casos, como no do Brasil, é acirrada pela guerra fiscal entre Estados, o que ocasionou o deslocamento de muitas empresas para a região Nordeste do País. Este é um jogo de "soma-zero", em que ninguém sai ganhando: nem trabalhadores, nem empresários locais, nem os governos e, tampouco, a sociedade. Este é um dos

aspectos negativos que a globalização pode acarretar, embora haja outros positivos.

IHU On-Line - Os moradores do Vale do Sinos estão aterrorizados com a crise e as demissões em massa no setor calçadista. Essa reação ocorre, entre outros motivos, por que não há outro setor industrial competitivo o suficiente para dar suporte a este que está em crise, na região?

Sérgio Schneider - De fato, a situação é crítica e, em alguns casos, desesperadora. Ocorre que não há alternativas fáceis e capazes de serem instaladas no curto prazo de tempo. Trata-se de um processo social, como foi o processo de industrialização e desenvolvimento da região como um todo, que levou 30 anos. Não dá para mudar o rumo, a estrutura social e produtiva e, sobretudo, as mentalidades e perspectivas das pessoas em pouco tempo. Há uma geração inteira no Vale do Sinos, pais e filhos de uma mesma família, que só aprenderam a fazer sapato. Mas eles estão preparados e habilitados para produzir sapato no esquema taylorista-fordista, que consiste na desagregação do calçado em diversas partes, as mais simples e rotineiras possíveis, e sua produção em série, no sistema de cadeia montagem. Este sistema de produção não traz, como resultado, a formação de uma mão-de-obra com capacidade de inovação e resposta rápida às demandas cada vez mais flexíveis. Para agravar ainda mais, há que se considerar as mudanças pelo lado da demanda, pois o consumidor é cada vez mais volátil e, por conseqüência, as encomendas e pedidos de novos produtos são muito flexíveis.

Mas eu creio que não há agora, e nem haverá tão cedo, outro setor que possa substituir o calçado na região. Se esta hipótese for verdadeira, no prazo imediato, o que há para ser feito consiste em apostar num processo de reconversão, mas uma reconversão

multidimensional, que deve envolver desde o retraining da força de trabalho, do setor de inovação e desenvolvimento, da gestão e administração, do marketing e do comércio, assim como, de uma maneira geral, da cultura e da psicologia social.

Aí está um grande desafio. A questão é, me parece, produzir um processo de mudança geral de dentro para fora, que começa no chão de fábrica e se estende até o poder público local. Aliás, o Estado, em seus diferentes níveis e instâncias, parece não saber o que fazer para ajudar os trabalhadores e empresários do setor calçadista. Raras são as propostas concretas que vão além das manifestações de solidariedade com a crise, ou da pura e simples pressão política nas esferas estadual e federal. Eu acho que existem coisas simples que poderiam ser feitas tal como na educação, apostando no treinamento da força de trabalho. É o caso, por exemplo, da chamada educação para jovens e adultos, que poderia agregar processos de aprendizagem e novas práticas à educação formal. A quem caberá treinar a força de trabalho se estamos de acordo sobre o fato de que um novo tipo de trabalhador será requerido pelo setor produtivo no futuro próximo?

Outra ação que poderia ser implementada no âmbito da educação é o ensino de língua estrangeira, especialmente o idioma inglês. Quantos de nossos melhores profissionais (modelistas, designers etc.) são realmente fluentes em inglês? Ensinar inglês nas escolas públicas, para que os estudantes realmente possam aprender, não é apenas uma demanda para formação ou reconversão da força de trabalho do setor calçadista, pois o conhecimento de língua pode ser útil em outros setores, notadamente a informática, por exemplo.

***IHU On-Line* - Alguns especialistas dizem que solução para o setor é a inovação e criação sapatos com designs sofisticados e de qualidade. Segundo eles, só assim os calçados brasileiros poderão concorrer com**

os chineses, e com um preço elevado. O senhor também aposta nessa idéia? Empresas que estão fechando as portas ainda terão condições de se reerguer e investir nesse novo modelo de trabalho?

Sérgio Schneider - Numa sociedade capitalista, sempre haverá competição e numa economia globalizada isto tende a se acirrar ainda mais. Não tenho elementos para afirmar e nem ousar prever nada em relação às condições de competitividade. Para se falar nestes termos, seria preciso conhecer, e em profundidade, quais são as condições de produção e as estratégias comerciais de cada país. Mas, nos dias atuais, os termos da competição estão amplamente distorcidos pelas injunções políticas, tal como é o caso da relação entre China e Estados Unidos. Enquanto a China parece ser a “grande fábrica do mundo”, os Estados Unidos parece que são, cada vez mais, o grande banco deste processo esquizofrênico de financeirização globalizado (além do papel de “xerife do mundo”, do qual eles não abrem mão!). Basta observar o que ambos países fazem em relação às questões ambientais e do aquecimento global: fingem que não tem nada com isto e “bola pra frente”!

Portanto, acho que a produção de calçados para nichos de mercado, menos escala e mais artesanidade representam uma saída possível. Contudo, não dá para imaginar que todas as empresas do Vale do Sinos encontrem espaço nestes nichos de mercado, que, afinal, não são tantos e já têm seus concorrentes tradicionais, como a Itália e a Espanha.

Mas o principal limitante nesse caso, de novo, é o fato de que a região do Vale do Sinos tem uma trajetória técnico-produtiva e sociocultural, que não dá para mudar da noite para o dia (é o que os estudiosos chamam de “path dependence”). Precisaria muito investimento humano e financeiro para que este processo ganhasse espaço e pudesse absorver parcela importante da produção e da força de trabalho da região. Ademais, os especialistas em comércio não se cansam de dizer: um

dos maiores problemas da produção de calçados no Vale é que as empresas foram ficando reféns das companhias de exportação, que detêm a carteira de clientes e o "know-how", que são elementos fundamentais neste processo.

IHU On-Line - Na visão dos britânicos, a eficiência econômica brasileira é prejudicada pelo sistema tributário complexo, pela burocracia e pelas leis trabalhistas rígidas. Eles afirmam que esses problemas restringem o crescimento do País, e que o presidente Lula mostra relutância em embarcar em reformas politicamente custosas. O senhor concorda com essa opinião?

Sérgio Schneider - Todos os países, inclusive a Inglaterra, e ainda mais a França, têm problemas sérios relacionados ao sistema tributário e trabalhista, que, afinal, é o que mantém a máquina do estado funcionando. A última eleição francesa concentrou-se inteiramente na discussão sobre o modelo de proteção social e organização do trabalho, e venceu o candidato que prometeu rigor contra os imigrantes e reforma na legislação trabalhista.

É preciso considerar que mesmo nos países altamente desenvolvidos, que fizeram mudanças estruturais no perfil de suas economias bem antes de nós no Brasil, como foi o processo de "desmonte" do Estado-bem-estar social, as reformas preconizadas não geraram os efeitos esperados. Mesmo eles que são ricos e que um dia já foram "impérios coloniais" (é bom que não esqueçamos disso) ainda não conseguiram resolver os problemas de desemprego e outros.

Isto não significa que não estou parcialmente de acordo com a assertiva de que o sistema tributário gera dificuldades ao setor produtivo. No caso brasileiro, apenas para dar uma opinião de "outsider temporário", não creio que haja relutância em fazer as reformas no sistema tributário e trabalhista; o que falta é força

política para fazê-lo. Como será que reagiria o movimento sindical se fossem alteradas algumas cláusulas que mexem nas relações de trabalho?

Por outro lado, conforme já mencionei, não dá para descontextualizar a crise e considerar que a resolução do problema é de foro doméstico, ou seja, em nível nacional. Numa era globalizada e interdependente, não sei até que ponto desproteger os trabalhadores e reduzir os direitos traria os resultados esperados. Isto poderia até gerar o efeito inverso, fazendo com que alguns mais apressados viessem a propor a total desregulamentação e até propor a jornada de trabalho de 14 horas por dia, como era no início da Revolução Industrial. Afinal, em países pobres, para onde as indústrias de calçados estão se deslocando, é comum encontrar trabalhadores sem direitos sociais e trabalhistas. Não dá para aceitar isto e considerar que as condições gerais assim exigem. Apenas para dar um exemplo ilustrativo, ainda na semana passada, a BBC de Londres apresentou um programa na televisão, mostrando como na Malásia eram empregadas crianças na fabricação de calçados, destacando o contato com a cola de sapateiro e instrumentos de trabalho cortantes.

É preciso que, no plano internacional, por meio da OIT² ou da OMC³, se estabeleçam formas de regulação e

² **Organização Internacional do Trabalho (OIT):** é uma agência multilateral ligada à Organização das Nações Unidas (ONU), especializada nas questões do trabalho. A idéia de uma legislação trabalhista internacional surgiu como resultado das reflexões éticas e econômicas sobre o custo humano da revolução industrial. As raízes da OIT estão no início do século XIX, quando os líderes industriais Robert Owen e Daniel le Grand apoiaram o desenvolvimento de legislação trabalhista e melhorias nas relações de trabalho. A organização foi criada pela Conferência de Paz após a Primeira Guerra Mundial. A OIT tem representação de governos dos 180 Estados-Membros e de organizações de empregadores e de trabalhadores. Com sede em Genebra, Suíça desde a data da fundação, a OIT tem uma rede de escritórios em todos os continentes. (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Organização Mundial do Comércio (OMC):** é uma organização internacional que supervisiona um grande número de acordos sobre as "regras do comércio" entre os seus estados-membros. Foi criada em

fiscalização destas condições de trabalho para que a competitividade que daí deriva não seja prejudicial àquelas que observam a legislação e as adequadas condições de produção.

IHU On-Line - A crise no estado está repercutindo no exterior? O senhor tem visto algum comentário ou notícias na Inglaterra a esse respeito? Como o sapato brasileiro é visto fora do País?

Sérgio Schneider - Infelizmente, não há repercussão alguma aqui na Inglaterra sobre a crise do setor e da região como um todo. Tenho andado por algumas cidades do País, mas mesmo em Londres não se encontram sapatos brasileiros nas lojas. Tudo é “made in China”. E não é apenas calçado, mas roupas em geral: tudo é fabricado na China. Enganam-se aqueles que pensam que é produto de baixa qualidade, pois o produto chinês chega às grandes redes de loja e ao público em geral.

Mas, talvez para nosso consolo, até onde posso perceber, não é apenas o calçado brasileiro que está pouco presente no mercado britânico. Aqui, na região do País de Gales, são raros os produtos brasileiros que encontro, para nosso desespero!

1995 sob a forma de um secretariado para administrar O Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT). Atualmente inclui 150 países. A sua sede localiza-se em Genebra, Suíça. O diretor-geral atual, eleito em 2005, é Pascal Lamy. (Nota da *IHU On-Line*)

“Não basta fazer políticas liberalizantes”

ENTREVISTA COM ADAYR DA SILVA ILHA

Para o professor e economista Adayr da Silva Ilha, “de nada adianta crescermos a altas taxas, se esse crescimento não servir para o resgate da dívida social do País”. Sobre o baixo crescimento da economia brasileira, ele ressalta que isso ocorre em resposta à “política macroeconômica praticada no País desde o início da década de 1990, com juros altos e câmbio valorizado”. Ilha lembra que a economia gaúcha é muito importante para a economia brasileira. “Ela foi por muito tempo o ‘celeiro’ da economia brasileira, quando tinha sua base assentada no setor primário”. No entanto, atualmente, explica o professor, a política de juros altos e o câmbio valorizado têm afetado a economia do Vale do Sinos. Ilha é graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Santa Maria, mestre em Economia Agrícola pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutor em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Viçosa. Atualmente, é professor adjunto do Departamento de Ciências Econômicas e do Curso de Mestrado em Integração Latino-Americana da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Confira a entrevista concedida à *IHU On-Line*, por e-mail.

IHU On-Line - A que o senhor atribui as desigualdades econômicas regionais no Rio Grande do Sul?

Adayr da Silva Ilha - A resposta deve ser buscada na formação histórica do Rio Grande do Sul, e de como a economia gaúcha se articula com a economia do restante do País e com a economia internacional. A economia do Rio Grande do Sul pode ser subdividida em três grandes regiões: Norte, Nordeste e Sul. A região Sul, embora tenha sido aquela que experimentou maiores níveis de desenvolvimento no início da formação da economia do Estado, com a indústria do charque e do couro, que lhe possibilitava articular-se com a economia do centro do País, não conseguiu diversificar-se com linhas de produção de maior rentabilidade. A indústria do charque entra em crise devido à concorrência de países do Rio da Prata, mas insiste na atividade pecuária extensiva e, só bem mais tarde, volta-se para atividades agrícolas, quase

que exclusivamente com a cultura do arroz. Essas atividades não atraíram contingentes populacionais, o que, entre outros fatores, dificultou a atração de investimentos industriais. Já as regiões Norte e Nordeste, que compõem a chamada Metade Norte, voltam-se, desde o início, para atividades agrícolas em pequenas propriedades, e para a agricultura colonial, com os imigrantes alemães e, mais tarde, italianos. A maior densidade demográfica e o conhecimento de artesanato e de atividades industriais dos imigrantes favoreceram o surgimento da indústria nessa região, que traz, com isso, um progresso e desenvolvimento maior a ela, em relação à Metade Sul. A partir daí, poderíamos apontar muitos outros fatores que preservam e acentuam essas diferenças, como o poder político pela maior representatividade nas casas legislativas, etc.

IHU On-Line - Comparada com outros países da América Latina, a economia desenvolvida em nosso País é positiva? Lula disse nessa semana que o País conseguiu combinar estabilidade econômica com crescimento. Ele acredita que o País terá mais crescimento econômico, mais geração de emprego, mais distribuição de renda, mais exportação. O senhor concorda com essa posição? A crise do Vale não tem afetado a economia brasileira?

Adayr da Silva Ilha - Não gosto de fazer comparações da economia brasileira com outras economias, seja da América Latina ou de outros continentes. A economia brasileira é diferente de qualquer outra economia. É verdade que o cenário externo é o mesmo, ou seja, se esse cenário é favorável para o Brasil, é também para a Argentina, para a Índia, etc. No entanto, a economia brasileira tem determinadas características que são próprias. Constata-se que o Brasil tem crescido menos do que qualquer país da América do Sul, menos até mesmo que a economia da União Européia, que é muito pouco dinâmica em termos de crescimento. Entendo que o presidente tem razão ao ressaltar a estabilidade econômica, os bons indicadores macroeconômicos e alguns avanços, no que diz respeito à distribuição de renda. De nada adianta crescermos a altas taxas, se esse crescimento não servir para o resgate da dívida social do País. O crescimento tem que levar ao desenvolvimento, caso contrário não vale de nada. A falta de crescimento ou do pouco crescimento da economia brasileira tem resposta na política macroeconômica praticada no País desde o início da década de 1990, juros altos e câmbio valorizado. Não basta fazer políticas liberalizantes, abertura de mercados, e reformas estruturais achando que tudo vai funcionar. Cabe ao Estado ditar normas, apontar caminhos, cuidar da infra-estrutura física e social e das políticas setoriais, como a industrial, por exemplo. Se o Estado não fizer, não se pode esperar que o mercado faça. Quanto ao último item da pergunta, eu

digito que é o contrário: que a economia brasileira, com sua política de juros altos e câmbio sobrevalorizado (apreciado, baixo), é o que tem afetado a economia do Vale do Sinos.

IHU On-Line - Como se desenvolveu a economia gaúcha ao longo dos anos? Como o senhor avalia a economia do Rio Grande do Sul, e a produção industrial do estado, atualmente? Qual é a importância e a contribuição tanto da economia do estado quanto da produção industrial local para a economia brasileira?

Adayr da Silva Ilha - A economia gaúcha embora tenha se desenvolvido-se, tanto vertical como horizontalmente, é ainda uma economia dependente. Depende em grande medida da atividade agropecuária do Estado, e também de como se comporta a economia brasileira como um todo. Uma indústria deve ser avaliada pelos seus setores produtivos e pela intensidade tecnológica desses setores. Há os setores tradicionais, indústrias de alimentação, vestuário etc. de baixa intensidade tecnológica e há aqueles mais dinâmicos como eletrônicos, químicos e mecânicos, de média e alta tecnologia. Não sou especialista em economia industrial, mas entendo que o Rio Grande do Sul tem, hoje, o segundo ou terceiro maior parque industrial do País, apesar dos maus governos que por aqui têm passado. Quanto ao último item da pergunta, diria que a economia gaúcha é muito importante para economia brasileira. Ela foi, por muito tempo, o “celeiro” da economia brasileira, quando tinha sua base assentada no setor primário. Atualmente, tem uma base industrial significativa, que lhe possibilita exportar um percentual considerável dessa produção para os demais estados, e também para o exterior, gerando divisas.

IHU On-Line - Para haver um equilíbrio na produção industrial do Vale do Sinos, seria necessário

diversificar as atividades industriais, para que, quando um setor entrasse em crise, outro pudesse dar suporte, evitando assim, tantos desempregos numa única região?

Adayr da Silva Ilha - Concordo sim. Embora o pólo calçadista gere economias de escala, a especialização industrial nesse setor constitui um problema, como estratégia de desenvolvimento para a região. As políticas macroeconômicas (juros e câmbio) do governo têm afetado negativamente a indústria calçadista e isso vem de bastante tempo. O problema se agrava à medida que essa indústria montou a estratégia de dirigir um grande percentual de sua produção para exportação. A diversificação industrial deve ser uma estratégia de desenvolvimento para o futuro na região, aproveitando-se das condições favoráveis que ela apresenta.

IHU On-Line - Qual é a evolução da economia brasileira nos últimos anos, tomando em consideração que alguns especialistas dizem que o Brasil pode se tornar uma das futuras potências junto à Rússia, Índia e China?

Adayr da Silva Ilha - A economia brasileira passou por grandes dificuldades a partir do final dos anos 1970, início dos anos 80 com a crise da dívida externa e com o processo inflacionário. A partir de meados da década de 1990, conseguiu-se uma estabilidade de preços, que tem se mantido até os dias atuais. Isso foi conseguido com custos econômicos e sociais enormes. Hoje, a economia brasileira está apta a receber um projeto de desenvolvimento de médio e longo prazo, projeto esse que entendo não seja o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), mas algo muito mais ousado. O País tem condições geográficas, de riquezas naturais e de contingente humano que podem transformá-lo em uma das maiores nações do Mundo. Basta, para que se atinja tal objetivo, planejamento, investimento em infraestrutura física e social (educação, principalmente), além de políticas redistributivas consistentes.

“Fiquei perdido”

“Eu era dos serviços gerais da Reichert Calçados. No dia 22 de março, fui demitido, antes de entrar em férias. Fiquei perdido. Estou me virando com o seguro-desemprego, mas as parcelas estão prestes a acabar. Então, arranjei outro serviço: servente de pedreiro. Ajudo meu primo nas obras de construção civil. Já fiz ficha em várias fábricas de calçados, mas ninguém me chama! Acho difícil conseguir algo nessa área, mas não

desisti ainda. Estou pensando até em me mudar para Parobé, cidade localizada no Vale do Paranhana, Rio Grande do Sul, a fim de ver se encontro algo por lá. Queria estudar, fazer uns cursos, mas não sei não... Talvez algo na área de mecânica para máquinas de calçados. Vamos ver como fica a minha situação.” **Joni Silveira, 18 anos, morador de Campo Bom**

O Brasil está mudando de modelo de negócio, e não se desindustrializando

ENTREVISTA COM JOSÉ GIANCARLO MEDEIROS PEREIRA

Para o coordenador do PPG de Engenharia da Produção da Unisinos Giancarlo Medeiros Pereira, as maiores mudanças entre as empresas calçadistas gaúchas voltadas à exportação, entre 2001 e 2007, foram “o aumento da competitividade dos asiáticos, a entrada do leste europeu e do México no rol dos grandes fornecedores de calçados de maior valor agregado, a mudança do perfil dos produtos manufaturados no estado e a queda nos lotes de produção”. Questionado a respeito de uma possível desindustrialização no Brasil, Pereira é direto: “Não. Estamos sim vivendo uma mudança de modelo de negócio, apenas isso. Falando francamente, eu acho que a competitividade é um campeonato muito dinâmico, e, a despeito de tudo, nós ainda estamos no páreo. Perdemos alguns jogos e estamos ganhando outros. Todavia, ainda não perdemos o campeonato. É cedo para jogarmos a toalha”.

Pereira é graduado em Engenharia Mecânica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutor em Engenharia de Produção pela Universidade de São Paulo, com a tese Avaliação do impacto das mudanças mercadológicas sobre o perfil de competências gerenciais nas empresas calçadistas gaúchas voltadas à exportação, produzida em 2001. Ele concedeu entrevista à IHU On-Line, por e-mail, na semana passada. Confira.

IHU On-Line - Qual é a conclusão a que o senhor chegou com a pesquisa “Avaliação do impacto das mudanças mercadológicas sobre o perfil de competências gerenciais nas empresas calçadistas gaúchas voltadas à exportação”? Quais foram as principais mudanças desse cenário de 2001 para cá?

José Giancarlo Medeiros Pereira - A conclusão foi a de que o Vale precisava, urgentemente, alterar a forma de qualificar e gerenciar os profissionais do setor com vistas ao enfrentamento da redução dos lotes, que então se apresentava. Na época, os lotes médios estavam caindo de 10.000 pares/modelo para 5.000 pares/modelo, número esse que não era comportado pela estrutura

produtiva de então. Hoje em dia, um lote de 5.000 pares é tido como uma quantidade utópica. Pedidos de 1.000 pares/modelo são motivo de comemoração, sendo que algumas unidades expostas a uma maior concorrência já trabalham com lotes de 48 pares/modelo.

No que tange à segunda parte de sua pergunta, mais especificamente sobre as mudanças que ocorreram entre 2001 e 2007, eu diria que algumas merecem destaque, a saber: o aumento da competitividade dos asiáticos, a entrada do leste europeu e do México no rol dos grandes fornecedores de calçados de maior valor agregado, a mudança do perfil dos produtos manufaturados no estado

e a queda nos lotes de produção.

IHU On-Line - Que alternativas apontaria para amenizar a crise do setor calçadista do RS?

José Giancarlo Medeiros Pereira - No plano das ações governamentais, eu diria que precisamos encontrar soluções para que o País possa prover melhores condições de infra-estrutura e menores impostos sobre os produtos a serem exportados. Para referendar minha posição, reproduzo, aqui, as palavras do Diretor de Assuntos Estratégicos da GM do Brasil, Luiz Moan, com quem conversei na FIERGS por esses dias. Ele questionou: “Como podemos competir com a China no mercado internacional se eles estão criando nove zonas de exportação com infra-estrutura européia (portos, estradas, comunicações etc.), zero tributos e financiamento negativo para as empresas que lá se instalarem?”.

Você pode argumentar que a China é a China. Concordo. Tomemos, então, como exemplo a Argentina. Segundo o proprietário de uma grande empresa calçadista, com quem conversei, instalar uma fábrica lá reduz significativamente a carga de impostos, que é repassada ao produto final, especialmente se o mesmo for exportado. E, note, a Argentina é logo ali.

No plano industrial, eu diria que nossas empresas precisam buscar nichos de mercado nos quais possam utilizar sua competência de produção em pequenos lotes de produtos diferenciados. Uma vez identificados os nichos, algumas organizações precisarão ainda reorganizar suas unidades produtivas com vistas à produção por demanda. Apesar da simplicidade dessas definições, a mudança em foco não é fácil de ser implementada na prática, seja por motivos culturais, seja pelas dificuldades operacionais advindas da travessia. Porém, é preciso fazê-las. Eis que nem tudo depende do governo.

IHU On-Line - O que é necessário para o setor calçadista gaúcho competir com os orientais?

Giancarlo Medeiros Pereira - Precisamos ser mais eficientes em várias dimensões, por exemplo: em marketing industrial, *design*, tecnologia e governamental. No que tange ao marketing industrial, precisamos melhorar nossa forma de abordar os nichos de mercado, especialmente naqueles que requerem um *design* diferenciado. No plano tecnológico, precisamos continuar avançando, tanto em serviços laboratoriais quanto em pesquisa de novas soluções. Essas ações no plano privado, quando combinadas com o adequado apoio governamental, nos permitirão explorar as oportunidades de negócio nas quais efetivamente podemos atuar.

E, em se tratando de oportunidades de negócio nas quais efetivamente podemos atuar, o setor precisa ser mais realista e menos saudosista. Certos tipos de calçado não mais serão exportados pelo Vale. Falo especialmente dos *Dock Siders* masculinos, os quais foram orçados por empresas brasileiras a US\$ 11,25/par e, atualmente, estão sendo produzidos na China por US\$ 6,50 o par (preço fábrica). Para esse tipo de produto, não há como competir, mesmo considerando que somente a Sears americana encomendou 150.000 pares a um importador que conheci. Com efeito, esse não é um negócio para o Brasil. Precisamos nos focar no mercado acima de US\$ 20,00/par, preferencialmente nos nichos acima de US\$ 30,00 (preço fábrica).

IHU On-Line - Em termos tecnológicos, qual é o seu diagnóstico do setor, comparativamente ao mercado asiático?

José Giancarlo Medeiros Pereira - Em 2001, eu diria que estávamos à frente. Contudo, hoje, após duas semanas analisando produtos orientais oferecidos no

mercado americano, eu lhe digo: temos pouca diferença. Pior, em alguns itens eles têm até melhores soluções.

Ao refletir sobre essa questão, sou forçado a concordar com outros tantos que, ao longo das décadas, reclamam do secular hábito brasileiro de explorar um dado negócio sem preocupar-se em avançar a tecnologia do mesmo. Trata-se de uma cultura meramente extrativista. No caso específico do calçado, existem algumas tecnologias de produto que nós deveríamos estar desenvolvendo aqui, mas que, infelizmente, estão sendo desenvolvidas na Coréia do Sul, em Taiwan e na China.

IHU On-Line - O senhor relacionaria a crise do setor a uma desindustrialização em curso no Brasil? Por quê?

José Giancarlo Medeiros Pereira - Não. Estamos sim vivendo uma mudança de modelo de negócio, apenas isso. Falando francamente, eu acho que a competitividade é um campeonato muito dinâmico, e, a despeito de tudo, nós ainda estamos no páreo. Perdemos alguns jogos e estamos ganhando outros. Todavia, ainda não perdemos o campeonato. É cedo para jogarmos a toalha.

Percepções à parte, entendo que, para continuarmos nesse jogo, precisaremos usar mais eficientemente nossos trunfos enquanto empresa e nação. Precisaremos também mudar mais rápido e melhor do que até agora o fizemos, bem como separar declarações “dirigidas” de fatos e dados que efetivamente possam orientar a tomada de decisões eficazes.

Com efeito, esse sentimento de desindustrialização já ocorreu no Vale na década passada, quando tivemos uma grande crise. Contudo, se analisarmos os números do setor, após a penúltima grande depressão, veremos que nossa receita advinda da exportação de calçados cresceu algo em torno de 16 % (base US\$). E note que não estou considerando a evolução do mercado interno do País, a qual felizmente foi muito maior. Apesar de animadores, os números citados escondem um importante fato, a saber: nós poderíamos ter crescido mais ainda. Para referendar minha posição, cito o crescimento de alguns países com custo elevado de mão-de-obra no mesmo período: a Itália cresceu 22% e a Espanha, 32%.

Medidas contra a crise coureiro-calçadista

ENTREVISTA COM JOÃO BATISTA XAVIER DA SILVA

Para o secretário geral da Central Única dos Trabalhadores do Estado do Rio Grande do Sul (CUT-RS) João Batista Xavier da Silva, também presidente da Federação Democrática dos Sapateiros, a posição dos dois organismos em relação à crise do setor coureiro-calçadista é clara: “que os governos estadual e federal criem uma saída para encontrar ajuda na questão da exportação”. Ele continua: “Quanto ao governo da Yeda, uma das reivindicações da CUT é a criação da câmara setorial. Hoje, existe uma câmara setorial apenas entre governo e empresários. Os trabalhadores estão fora. Também temos reivindicações contra a questão dos impostos, que são muito pesados. Não queremos que a produção seja onerada. Em termos federais, queremos uma solução para o problema dos juros, bem como um desenvolvimento sustentável e valorização da mão-de-obra, do trabalhador. Para isso, queremos que as esferas estadual e federal estendam sua preocupação, para que possamos estacar essa crise instalada no setor coureiro-calçadista”.

As declarações foram dadas na entrevista exclusiva, por telefone, que concedeu à IHU On-Line na semana passada, avaliando a crise do setor coureiro-calçadista no Rio Grande do Sul.

IHU On-Line - Qual é a posição da CUT e da Federação Democrática dos Sapateiros frente à crise do setor calçadista?

João Batista Xavier da Silva - A posição da Federação quanto à crise do setor é contra alterar o câmbio. O que queremos é que os governos estadual e federal encontrem uma forma de repensar a questão da exportação. No momento em que se alterar o câmbio, será prejudicado o mercado interno e, também, a sociedade brasileira. Quando se altera o câmbio, aumenta a inflação, o preço do arroz, da água, da luz, do aluguel. Assim, a posição da Federação é clara: que os governos estadual e federal criem uma saída para encontrar ajuda na questão da exportação.

Quanto à posição da CUT, posso dizer que ela é convergente com a da Federação. É uma posição centrada na questão do desenvolvimento. Já estivemos presentes em Brasília com o secretário geral da CUT, o companheiro Quintino Severo, entregando um projeto para o presidente Lula, com as propostas dos trabalhadores da CUT. Nele, pedíamos políticas emergenciais para o setor coureiro-calçadista. A proposta da CUT comunga com a da Federação para que exista um engajamento do governo estadual. Havia o decreto 43.533, que em 2004 foi criado pelo governo estadual de Germano Rigotto⁴, e que trouxe muitas dificuldades para as indústrias. A CUT colocou sua

⁴ Germano Antônio Rigotto (1949): político brasileiro, governado do Rio Grande do Sul entre 2003 e 2007. (Nota da *IHU On-Line*)

posição e foi ao governo federal e ao governo estadual, a fim de fazer cobrança quanto à questão de que o setor estava falido. Existe a falta de uma política clara para investimentos. Na época, as entidades patronais diziam que o problema era o dólar. Entretanto, para nós, o dólar é uma das situações, mas não é a essencial. As taxas de juro são problema para a exportação, para a sociedade em termos estaduais e federais. Isso faz com que tenhamos uma posição muito clara, que é o investimento no setor de desenvolvimento, e, dentro dele, o setor coureiro-calçadista.

Para você ter uma idéia, quando se fala no setor CNTV (calçado, vestuário, têxtil), representamos no Brasil 2 milhões de trabalhadores. É uma economia importante, que tanto o governo federal quanto o estadual não percebem o que ele representa na balança comercial. Em 1º de março, tivemos uma audiência com o ministro Mantega, em Curitiba, na qual nos posicionamos e levamos um documento pedindo soluções para o problema do setor coureiro-calçadista.

IHU On-Line - Quais são as reivindicações da CUT frente ao governo federal e estadual?

João Batista Xavier da Silva - Quanto ao governo da Yeda, uma das reivindicações da CUT é a criação da câmara setorial. Hoje, existe uma câmara setorial apenas entre governo e empresários. Os trabalhadores estão fora. Também temos reivindicações contra a questão dos impostos, que são muito pesados. Não queremos que a produção seja onerada. Em termos federais, queremos uma solução para o problema dos juros, bem como um desenvolvimento sustentável e valorização da mão-de-obra, do trabalhador. Para isso, queremos que as esferas estadual e federal estendam sua preocupação para que possamos estacar essa crise instalada no setor coureiro-calçadista.

IHU On-Line - Como a CUT percebe a posição do governo Lula frente à crise do setor coureiro-calçadista em nosso estado? Por que o governo demorou tanto para anunciar o financiamento de R\$3 bilhões para os setores prejudicados pela baixa do dólar?

João Batista Xavier da Silva - Muitas empresas terão acesso a esse dinheiro. Contudo, não existe o comprometimento dessas empresas de manter o emprego dos trabalhadores, seus funcionários. As empresas vão continuar demitindo. Nossa proposta é a seguinte: quem acessar esse empréstimo não pode demitir, e sim aumentar postos de trabalho. Assim, para nós, esse empréstimo pouco vai melhorar, pois não há uma garantia de que as empresas que acessaram esse benefício não irão estancar as demissões. Em 2005 e 2006, vieram investimentos para o setor: R\$900 milhões em 2005. E as empresas que acessaram esse valor continuaram a demitir.

IHU On-Line - Esses investimentos vieram tarde demais?

João Batista Xavier da Silva - Acho que não é esse o ponto. O problema é estrutural. Qualquer crise que acontece afeta o setor coureiro-calçadista. Falta investimento do Estado, e essa é nossa grande preocupação. A própria governadora Yeda anulou os incentivos que existiam para a exportação.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a atuação dos sindicatos nesse contexto? Qual é a importância desses órgãos na garantia dos direitos dos trabalhadores?

João Batista Xavier da Silva - A posição das entidades sindicais, referente a esta questão, é fundamental. Não se pode deixar que as empresas usem dessa situação criada para poder tirar vantagem das demissões. Mas que vantagens poderia trazer a demissão de trabalhadores? Muitas empresas usam a demissão para fazer com que o

setor se fragilize mais e falta da parte empresarial a qualificação da mão-de-obra da classe trabalhadora. Qualificar os trabalhadores é uma das batalhas travadas pelas entidades sindicais. Muitos trabalhadores estão fora do mercado, o que é ruim. Os sindicatos têm uma posição forte quanto à qualificação e renda do trabalhador. Além de reivindicarem e tentarem proteger os trabalhadores, os sindicatos também têm propostas importantes sobre a qualificação dos mesmos.

IHU On-Line - Está havendo alguma espécie de mobilização junto aos trabalhadores do setor para reverter essa situação? Que medidas estão sendo tomadas?

João Batista Xavier da Silva - Estamos trabalhando nesse sentido. A Federação está desenvolvendo um seminário no dia 6 de julho para reunir trabalhadores, o Dieese, a FEE e empresários, a fim de se debater a situação da crise coureiro-calçadista. A CUT-RS está engajada nessa iniciativa para que consigamos obter sucesso na busca pela política à qual acabo de me referir, com incentivo fiscal, qualificação de mão-de-obra do trabalhador e juros menores. Em contraposição

ao incentivo emergencial dos R\$3 bilhões, queremos garantias de que as empresas que acessam esses benefícios não os empreguem para demitir ainda mais trabalhadores.

IHU On-Line - Prefeitos de municípios como Campo Bom e Novo Hamburgo estão em viagem à Europa, em busca de novas tecnologias para incrementar o setor calçadista. As novidades trazidas irão ajudar a amenizar a crise?

João Batista Xavier da Silva - O que vier para ajudar o setor vem bem. Mas até que ponto a tecnologia vem, realmente, para ajudar os trabalhadores e aumentar os postos de trabalho? Quando se fala em tecnologia, o que o empresariado faz? Diminui postos de trabalho. Na visão empresarial, é isso. O lucro é o que se persegue, e a tecnologia, muitas vezes, vem diminuir o emprego da mão-de-obra de trabalhadores. Em 2005, houve 22 mil trabalhadores demitidos. Em 2006, foram 10 mil demitidos. Nos primeiros cinco meses de 2007, foram 9.500 trabalhadores demitidos. Precisamos, com urgência, tomar providências quanto a isso.

“Não tenho outra experiência”

“Depois de 24 anos trabalhando na Reichert Calçados, em Campo Bom, como preparadeira, fui demitida. Não fiquei surpresa com a demissão. Mesmo trabalhando, eu já ouvia os comentários. Também sabia que eu seria demitida e que um dia a empresa iria fechar. Por enquanto, estou desempregada, em casa. E estou me virando com o dinheiro do seguro-desemprego. Estou

pensado no que fazer depois que as parcelas acabarem. Não sei se vou voltar para uma fábrica de calçados. Se não tiver alternativa, tenho que voltar, afinal não tenho outra experiência: sempre trabalhei na Reichert.”

Jaqueline Ferreira dos Santos, 37 anos, moradora de Campo Bom

“O governo ainda não está sensibilizado com a gravidade do quadro”

ENTREVISTA COM TARCÍSIO ZIMMERMANN

Em entrevista exclusiva à IHU On-Line, por telefone, o deputado federal Tarcísio Zimmermann (PT-RS) disse que as medidas adotadas pelo governo Lula ainda não são suficientes para solucionar a crise do setor calçadista. Para ele, o governo poderia “estimular novos investimentos em outras áreas que não fosse o calçado”. Com isso, ele explica, a região não ficaria tão dependente do setor.

Zimmermann lamenta a crise no setor e propõe medidas emergenciais, que possam ajudar também os trabalhadores. Segundo ele, é necessário retomar as medidas de ampliação das parcelas do seguro desemprego. “Isso não resolve o problema, mas ajuda a reduzir o impacto da perda do emprego para o trabalhador”, explica o deputado. Ele destaca também que é fundamental “preparar esses trabalhadores, que não encontrarão mais empregos na área do calçado” e ressalta que é importante “qualificar e capacitar esses trabalhadores para que eles possam disputar oportunidades em outras áreas”.

Zimmermann diz que, nos próximos dias, os empresários e trabalhadores gaúchos tentarão reunir-se com o ministro Mantega para “apresentar-lhe um conjunto de sugestões que possam efetivamente significar uma mudança importante na situação do setor coureiro-calçadista”.

Zimmermann foi secretário do trabalho do governo Olívio.

Confira a entrevista:

IHU On-Line - O Governo Lula não está preocupado com a crise do setor coureiro-calçadista no Rio Grande do Sul?

Tarcísio Zimmermann - Eu diria que o governo ainda não está sensibilizado com a gravidade do quadro. Ele está preocupado, tem tomado algumas medidas, dentro do seu alcance, mas reconhece que tem limitações em relação ao que pode fazer.

Se pensarmos na crise, veremos que ela tem três origens importantes: a primeira e, talvez a mais importante, seja a produção chinesa. Em todo o mundo,

há essa preocupação com a ameaça chinesa. E nós não temos controle sobre essa atuação dos chineses. A não ser cuidar o que está sendo feito, para que não haja uma invasão de sapatos chineses no Brasil. As medidas que o governo vem tomando ajudam nesse sentido. O segundo problema é o câmbio, mas, ao mesmo tempo, ele também é um problema mundial. E o terceiro problema é o do próprio Estado do Rio Grande do Sul, que não transfere e ressarcia os créditos de ICMS para as empresas. Isso acaba por descapitalizá-las, aumentando o custo da produção. Então, o governo federal precisaria,

o que temos reivindicado, criar um fórum mais permanente, em que nós pudéssemos monitorar a crise e fôssemos construindo medidas mais permanentes na solução desse problema. Em Brasília, há uma preocupação, mas não existe, ainda, a noção da gravidade desse quadro na indústria coureiro-calçadista.

IHU On-Line - Por que o governo demorou tanto para anunciar o financiamento de R\$3 bilhões para os setores prejudicados pela baixa do dólar? Quais são as vantagens desses empréstimos? Eles serão úteis, uma vez que os importadores não estão dispostos a pagar um preço tão elevado pelo sapato brasileiro?

Tarcísio Zimmermann - O financiamento mais barato ajuda aquelas empresas que necessitam recorrer ao financiamento para fazerem as suas operações. Mas, na verdade, esses financiamentos são uma continuidade da linha de crédito que já existia, e que já emprestou ao setor coureiro-calçadista quase R\$1 bilhão. Essas medidas de créditos ajudam, mas não bastam. Elas não resolvem ou devolvem a competitividade do calçado brasileiro.

No entanto, o calçado brasileiro não acabará. Nós continuaremos tendo uma indústria de calçados importante, até porque nós temos um mercado consumidor doméstico, que é o principal mercado da nossa indústria de calçados. O Brasil exporta para uma pluralidade de países, e isso também é uma garantia de permanência de negócios. Nós não somos, hoje, dependentes das importações dos Estados Unidos, por exemplo. Exportamos calçados para muitos países do mundo. Nesse sentido, medidas que possam reduzir os custos ajudam, mas são insuficientes. Porém, certamente muitas empresas haverão de se beneficiar desses recursos, seja para investimentos ou para o próprio capital de giro. Então, percebo que estes investimentos são bem-vindos, pois melhor ter isso do que não ter nada. Mas, volto a dizer, não é o bastante.

IHU On-Line - O senhor afirma que o setor precisa, agora, de medidas de maior profundidade que reduzam os custos da produção no País. Que medidas seriam essas?

Tarcísio Zimmermann - Nós precisamos de medidas na área tributária, que são possíveis de serem tomadas. Conversei com o ministro Guido Mantega⁵, no dia 20 de junho, e disse a ele que é importante e necessário que ele receba os empresários e os trabalhadores do calçado, além de nós, parlamentares, para que possamos debater medidas na área tributária. Além disso, é necessário pensar em outras medidas mais localizadas, que também possam ajudar ao setor, por exemplo em medidas de apoio na gestão das empresas. Durante o governo Olívio⁶, tivemos experiências muito importantes, na área da extensão empresarial, medidas de apoio do governo no desenvolvimento.

Se nós quisermos ter uma posição mais segura no mercado mundial de calçados, devemos ter calçados mais brasileiros e incorporar mais o Brasil ao calçado que nós queremos vender para o mundo. O caso de sucesso dos chinelos havaianas, produzido no Brasil e vendido nas lojas do mundo inteiro, mostra que tem espaço para algo que surge aqui, num clima tropical, num ambiente que é bem brasileiro.

⁵ **Guido Mantega (1949)**: economista brasileiro e atual ministro da Fazenda do Governo Lula. Mantega é doutor em Sociologia e professor de Economia na Fundação Getulio Vargas, de São Paulo. Desde 1993, trabalhava como assessor pessoal de Lula, para assuntos econômicos. Foi ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶ **Olívio de Oliveira Dutra (1941)**: sindicalista e político brasileiro. Foi prefeito de Porto Alegre, e governador do Rio Grande do Sul. No governo Lula foi Ministro das Cidades. Formado em Letras, Olívio foi funcionário concursado do Bannisul, a partir de 1961. Nesta condição, começa a militar no Sindicato dos Bancários de Porto Alegre, e chega à presidência da entidade em 1975. Comandou a greve geral do funcionalismo público de setembro de 1979, motivo pelo qual foi preso pelo Regime Militar, e perdeu seu mandato sindical. Foi presidente do PT de 1980 a 1986. (Nota da *IHU On-Line*)

Além disso, nós poderíamos ter, de parte do governo federal, medidas especiais, estimulando novos investimentos em outras áreas que não fosse o calçado, principalmente nas regiões prejudicadas por esta situação de crise atual. Isso não é algo inusitado. Nós poderíamos ter, por exemplo, crédito mais barato, para que empresas pudessem se instalar no Vale do Sinos, nos municípios que estão sendo atingidos por índices de desemprego muito altos, em função da crise na indústria do calçado. Poderiam ser empresas de outras áreas produtivas, inclusive nas áreas de serviço, de mecânica e de química. Assim, diversificaria o desenvolvimento da região. Nós temos propostas, e o que precisamos é conseguir um ambiente em que os governos tenham essa sensibilidade para o tema.

Há uma iniciativa muito interessante ocorrendo no Vale do Sinos, que é a mobilização das prefeituras. Isso talvez seja inclusive um prenúncio de uma mudança de atitude dos governos em relação à situação do Vale do Sinos, no setor calçadista.

IHU On-Line - Medidas emergenciais ainda são alternativas para o setor? No próximo mês, a Reichert Calçados termina de demitir os funcionários, em Campo Bom. O que fazer para reverter essa situação? Essas alternativas que o senhor apontou serão suficientes?

Tarcísio Zimmermann - Felizmente, nós vivemos um contexto em que o País cresce, a economia cresce e tem gerado mais empregos do que em outros tempos. Infelizmente, isso não acontece em todos os setores. Mas há uma geração líquida de empregos importante. Acredito que uma parte dos trabalhadores que serão demitidos pela Reichert⁷ poderão ser aproveitados em

⁷ **Reichert Calçados:** empresa de calçados gaúcha, localizada no Vale do Sinos, na cidade de Campo Bom. A empresa era considerada um das maiores exportadoras de calçados femininos do Brasil. A empresa anunciou o encerramento das atividades até o mês de julho, demitindo

outras atividades, em outras oportunidades. Mas eu tenho defendido, em Brasília, junto ao ministro do Trabalho, Carlos Luzzi, que nós tenhamos, nesse campo das medidas emergenciais, duas iniciativas que são muito importantes. A primeira é retomar aquela medida de ampliação das parcelas do seguro desemprego para os trabalhadores demitidos pela crise do calçado. Isso não resolve o problema, mas ajuda a reduzir o impacto da perda do emprego para o trabalhador, mantendo a renda da sua família e uma expectativa de que ele possa não ser afetado tão gravemente, no curto prazo. A segunda, que julgo fundamental, e que está associada à ampliação das parcelas do seguro desemprego, são recursos para programas de qualificação profissional. É necessário preparar esses trabalhadores, que não encontrarão mais empregos na área do calçado, na medida em que nós não teremos uma retomada imediata desse setor, pelo menos não nos níveis que nós já tivemos. Por isso, precisamos qualificar e capacitar esses trabalhadores para que eles possam disputar oportunidades em outras áreas. Eu creio que as medidas emergenciais são muito importantes. É importante conseguir, junto com as medidas de apoio ao calçado, esta outra área de estímulo de investimentos na região do Vale do Sinos. Isso poderá trazer uma economia mais diversificada, e ser um instrumento para que não sintamos tanto os sobressaltos permanentes da indústria do calçado, já que essa não é a primeira crise que o setor enfrenta.

IHU On-Line - Na sua conversa com o ministro Guido Mantega, o que ele disse sobre receber os empresários e trabalhadores gaúchos?

Tarcísio Zimmermann - Ele me encaminhou para o seu secretário. No dia 20 de junho, já iniciamos a tratativa de realizar uma audiência. Consideramos importante essa

um total de quase 5 mil empregados em todo o estado. Desses, 400 são do município de Campo Bom. Confira, nessa edição, depoimentos de ex-funcionários da empresa. (Nota da *IHU On-Line*)

audiência com o ministro. Aliás, o governo tem conversado muito conosco. Nós temos conversado com o ministro do Desenvolvimento, da Indústria e Comércio, e temos tido sensibilidade, mas acho que o símbolo do ministro Mantega nos receber, e não os seus secretários, é muito importante. Eu acredito que, nos próximos dias, nós teremos essa reunião com ele, tendo, então, a possibilidade de apresentar-lhe um conjunto de sugestões que possam efetivamente significar uma mudança importante na situação do setor coureiro-calçadista.

IHU On-Line - Se o Ministério da Fazenda recebeu relatórios que comprovam o alto aumento da carga de PIS e COFINS nos últimos anos, por que ainda não se manifestou de maneira mais objetiva sobre a crise, sugerindo soluções?

Tarcísio Zimmermann - Nós tivemos uma audiência em março deste ano, com o ex-secretário executivo do ministério da fazenda. Tivemos, recentemente, uma nova audiência com o novo secretário executivo, que é o ex-ministro da Previdência Nelson Machado⁸. Nas duas vezes, apresentamos esses dados, e a Abicalçados⁹ fez um estudo muito detalhado, que permite, inclusive, ser

⁸ **Nelson Machado:** ministro da Previdência Social. Nelson Machado foi secretário executivo do Ministério do Planejamento. Assumiu interinamente o Ministério do Planejamento quando Guido Mantega foi nomeado presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Paulista da cidade de José Bonifácio, Machado é bacharel em Direito pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Administração Orçamentária e Financeira na Fundação Getúlio Vargas (FGV), em São Paulo, e doutor em Contabilidade e Controladoria na Universidade de São Paulo (USP). Machado foi chefe de gabinete da Secretaria de Finanças da Prefeitura Municipal de São Paulo, no período de 1991 a 1992, e diretor da Escola Fazendária do Estado de São Paulo. (Nota da *IHU On-Line*)

⁹ **Abicalçados:** Associação Brasileira das Indústrias de Calçados. A associação foi criada com o objetivo de defender políticas do setor calçadista nacional, acompanhando a atuando em questões nacionais e internacionais quando geram reflexos nas suas atividades. (Nota da *IHU On-Line*)

auditado pela secretaria da fazenda. Mas o que o governo nos alega é que esse tipo de medida tem impacto na arrecadação do governo. E essas medidas não poderiam ser tomadas apenas para um setor, e sim para mais setores. Na verdade, sempre que se busca uma redução tributária, existem dificuldades. Nós tivemos vários setores beneficiados com isenções, mas nos casos do PIS e COFINS ainda não. Então, vamos ter que continuar pressionando, insistindo, até que nós possamos obter uma posição mais favorável de parte do governo.

IHU On-Line - O senhor diz que é preciso unir todos os setores industriais intensivos em mão-de-obra para pressionar o governo a efetivar rapidamente a anunciada redução dos encargos sobre o trabalho. Se ainda não existem soluções concretas para concertar a crise, isso quer dizer que as pressões não foram suficientes? O setor não está tão unido quanto deveria?

Tarcísio Zimmermann - Eu diria que sim. Ainda falta maior capacidade da nossa parte, de unir todos os setores, e de definir pautas de longo prazo para as negociações que temos feito com o governo. Nós tivemos, em 2005, uma audiência com o presidente Lula, em que foi apresentada uma pauta que foi praticamente integralmente atendida. Mas ela não foi o bastante. Para o governo, também é importante que as reivindicações que lhe sejam apresentadas possam apresentar soluções de longo prazo. Do contrário, o governo também fica desestimulado a conceder benefícios, se eles se evaporam, como no caso dos benefícios das medidas reivindicadas em 2005. Então, ainda nos falta um pouco de capacidade para isso. Agora, eu defendo que nós devamos continuar avançando num processo de mobilização e de negociação com o governo, inclusive se for necessário que tenhamos uma atitude mais forte, como realizar manifestações públicas, de forma que nós tenhamos a possibilidade de avançar com novas medidas. O processo de negociação é importante, mas, às vezes,

ele precisa de um empurrão, que é exatamente aquele que vem da mobilização da sociedade, da pressão da opinião pública. Talvez teremos que ter isso logo mais.

IHU On-Line - O que a Comissão de Desenvolvimento Econômico, Indústria e Comércio - CDEIC tem feito pelo setor calçadista? Quais são as próximas reivindicações que serão feitas ao governo federal?

Tarcísio Zimmermann - O que nós queremos é que haja um processo de negociação mais intenso, que tenhamos cada vez mais canais melhores de negociação com o governo, e que as pautas de reivindicação possam

avançar. Estamos nos mobilizando e insistindo em torno dessas questões do crédito, da redução de tributos, de medidas de emergência de apoio aos trabalhadores e ao desenvolvimento regional. Neste caso, vale aquele ditado: “Água mole em pedra dura tanto dá até que fura”. Quer dizer, temos que ter persistência, e ficar permanentemente mobilizados, lutando em defesa dos nossos empregos e em defesa das empresas do setor calçadista.

“A busca por profissionais da área do *design* de moda resultou em um amadurecimento do setor”

ENTREVISTA COM FRANCINE PUJOL

A crise que abalou o setor calçadista entre os anos 1990 e 1998, segundo Francine Pujol, graduada em Moda pelo Centro Universitário Feevale, serviu como alerta aos empresários do Vale do Sinos. Francine acabou de apresentar o trabalho de conclusão de curso, intitulado A moda e crise calçadista gaúcha dos anos 90: a revista Lançamentos, no qual constatou que “a crise influenciou muito na criação de sapatos no País, pois fez com que os fabricantes vissem que seus produtos podiam ser vendidos de maneira diferente, e que poderiam ter maior rentabilidade com isso, uma vez que o Brasil não concorria mais por preço de moeda, e sim por valor agregado”.

Segundo ela, “a crise acabou gerando uma lacuna no mercado, onde as empresas tiveram de buscar uma alternativa para se manterem concorrendo nele fora do quesito preço”, explica. Ao agregar valor nos produtos, ressalta Francine, fez com que “intencionalmente o calçado brasileiro fosse visto de maneira diferenciada”. Para ela, o problema do setor, desde aquela época, não foi solucionado, e sim “apenas amenizado”. E rebate que “atualmente, a crise está muito mais relacionada à questão econômica, o que na década de 1990 era apenas mais um fator ao lado de outros, como a falta de tecnologia e a falta de mão-de-obra especializada”.

Francine é graduada em Moda, pelo Centro Universitário Feevale e, atualmente, trabalha na revista Lançamentos, do Grupo Sinos, de Novo Hamburgo. Confira a entrevista, concedida à IHU On-Line, por e-mail.

IHU On-Line - Qual é o interesse em estudar a crise do setor calçadista, relacionando com a moda?

Francine Pujol - Desde o início, queria fazer meu trabalho sobre um assunto relacionado ao setor calçadista. Então, acabei realizando uma pesquisa e verifiquei a existência da crise nas exportações calçadistas dos anos 1990. Então, segui e constatei que havia a possibilidade de relacionar tal fato à moda, que é minha área de estudo. Percebi que, daquela idéia inicial, poderia sair um trabalho bastante interessante e inédito. Outro fator que foi de extrema importância para a escolha da temática foi o fato de trabalhar há três anos na Divisão de Veículos Segmento do Grupo Sinos, do qual fazem parte os veículos: *Jornal Exclusivo*, a revista *Lançamentos* e o site *Exclusivo On-Line*, referências em mídias especializadas para o setor calçadista. Assim, aproveitei que já atuava na área de produção de moda da revista e a escolhi para ser a fonte principal e base meu trabalho, o qual, por fim, intitulei “A moda e crise calçadista gaúcha dos anos 90: a revista *Lançamentos*”.

IHU On-Line - A partir da sua pesquisa, quais foram os fatores que originaram a crise no setor coureiro-calçadista nos anos 1990? Por quantas crises o setor passou nesses 10 anos?

Francine Pujol - É difícil apontar os fatores que levaram à crise calçadista, até porque a crise se deu tanto nas exportações quanto no mercado interno. Então, na realidade, eram duas crises. Mas, de acordo com minha pesquisa, constatei alguns aspectos que as geraram.

No caso das exportações, os fatores foram a falta de incentivo por parte do governo com relação à isenção ou diminuição dos impostos, além da entrada dos concorrentes asiáticos no mercado americano - até mesmo no brasileiro, o principal comprador de nossa produção.

Já no mercado interno, a crise se instaurou durante o Plano Collor¹⁰, com a abertura para as importações, pois as empresas estrangeiras tinham a entrada de seus produtos facilitada no País.

IHU On-Line - Quais foram os principais problemas sociais causados na região, decorrente da crise no setor, nos anos 1990? Nessa época, ocorreu o mesmo que está acontecendo hoje: pessoas voltando para a terra natal por falta de emprego na região, demissões em massa? Quais são as comparações possíveis?

Francine Pujol - O foco de meu trabalho não era esse, mas enquanto fazia a análise das edições dos anos 1990, 1994/1995 e 1998 da revista *Lançamentos*, percebi que o desemprego aumentou por conta da diminuição das exportações, como, também, pela migração de muitas fábricas aqui do Vale para o Nordeste, em busca de incentivos fiscais e mão-de-obra mais barata. Acredito, por isso, que tenha ocorrido, sim, um êxodo, pois, no auge do setor calçadista, muitas pessoas de diversas partes do estado vieram trabalhar no Vale do Sinos, em busca de uma vida melhor, e, com as dificuldades nas empresas e a mudanças de suas unidades para o Nordeste, acabaram voltando para sua terra natal.

IHU On-Line - Nessa época, quais soluções foram encontradas para solucionar o problema? Como o Vale do Sinos se recuperou?

Francine Pujol - Na realidade, solucionar o problema não é expressão mais correta, pois a crise no setor não foi resolvida. Ela foi apenas amenizada e acredito que uma das soluções mais acertadas na época foi a das empresas voltarem suas produções para o mercado

¹⁰ Plano Collor: foi um plano econômico que tencionava acabar com a inflação que estava em níveis hiperinflacionários. Foi a primeira medida econômica do Presidente Fernando Collor de Mello, sendo decretada no dia de sua posse, em 1990. O plano consistia basicamente na retirada da moeda de circulação com um bloqueio dos numerários depositados em bancos. (Nota da *IHU On-Line*)

interno. Ainda, os investimentos em *design*, em profissionais capacitados e em moda também podem ser apontados como fatores responsáveis pela melhora, tanto no mercado interno quanto no mercado externo.

IHU On-Line - De que maneira a crise influenciou nas exportações? Como as empresas gaúchas encararam esse momento? Como elas conseguiram retomar espaço no mercado, e competir novamente?

Francine Pujol - A crise atingiu as exportações e, no setor exportador de calçado, na década de 1990, foi a mais sentida, sem dúvida. Até porque muitas das empresas que não quiseram se voltar para o mercado interno acabaram fechando. Sobre a retomada do espaço, creio que ela tenha vindo depois de 1998, principalmente nos anos 2000. Isso está extremamente relacionado à questão de os países terem ganho uma notoriedade internacional no âmbito da moda, como, por exemplo, com a participação de estilistas brasileiros em semanas internacionais de moda e também das nossas modelos.

IHU On-Line - Qual influência a crise calçadista causou na moda brasileira?

Francine Pujol - Após concluir meu estudo, vejo que a influência da crise na moda em calçado é de ela ter aberto os olhos de muitos fabricantes com relação à criação própria, do investimento em marca, bem como a busca por profissionais da área do *design* de moda, que resultou em um amadurecimento do setor. Para a moda brasileira em geral, vejo que junto à crise, na década de 1990, houve o “boom” da moda brasileira, até mesmo no exterior. De modo que a moda brasileira passou a ser valorizada por seu caráter inovador e diferenciado. Porém, também observo que vendemos uma moda, principalmente nos calçados, intitulada “by Brazil”, mas isso somente no nome, pois não são produtos que foram feitos para o brasileiro e são vendidos lá fora; pelo

contrário: são peças que são confeccionadas somente (e especialmente) para o público internacional.

IHU On-Line - Como a crise influenciou a criação de novos sapatos no Brasil e no exterior?

Francine Pujol - A crise acabou gerando uma lacuna no mercado. Foi quando as empresas tiveram de buscar uma alternativa para se manterem concorrendo no mercado fora do quesito “preço”. Para isso, passaram a agregar valor ao produto, que, conseqüentemente, ficou mais caro. Mas, intencionalmente, o calçado brasileiro passou a ser visto de maneira diferenciada, e este preço mais alto se tornou um diferencial, pois se tinha um valor mais elevado também era porque havia investimento para desenvolver aquele produto. Outro fator importante é o de que, com a crise, muitas entidades e empresas envolvidas com o setor calçadista começaram a desenvolver projetos para incentivar a participação das empresas e *designer* de calçados brasileiros em feiras internacionais. Acho que a crise influenciou muito na criação de sapatos no País, pois fez com que os fabricantes vissem que seus produtos podiam ser vendidos de maneira diferente e que poderiam ter maior rentabilidade com isso, pois o Brasil não concorria mais por preço de moeda e sim por valor agregado. Conseqüentemente, se as vendas fossem boas, o retorno seria ainda melhor.

IHU On-Line - Nesse sentido, você acha que a crise dos anos 1990 foi positiva?

Francine Pujol - Creio que, para o desenvolvimento do setor e para alertar os fabricantes, sobre a produção de novos produtos, foi positiva. Porém, é nítido que economicamente ela não foi tão positiva e trouxe muito desemprego para região do Vale do Sinos. O que precisa ser percebido é que, desde o final dos anos 1960, as exportações vinham sendo feitas de maneira rentável e “fácil” para os produtores brasileiros. Então, com a

crise, eles foram forçados a modificar uma cultura que já tinha quase trinta anos, e que até então sempre tinha dado certo. Vejo, também, que os momentos de crise trazem muitas mudanças para uma sociedade, no caso, por exemplo, da moda. As duas grandes guerras mundiais são exemplo disso, pois, durante a ocorrência de ambas, os costumes relacionados à moda tiveram de ser revistos, devido aos racionamentos e às dificuldades financeiras da época. Para isso, as pessoas se utilizaram da criatividade. As mulheres, por exemplo, não conseguiam lavar os cabelos, muito menos mantê-los escovados e com cortes da moda, por isso adotaram turbantes. Na

área do calçado não foi diferente, já que não podíamos mais concorrer pelo preço. Naquele momento, o “turbante” foi investir em desenvolvimento de produto e marca, a fim de podermos concorrer por valor agregado e atender a uma fatia de mercado que antes era atendida pela Europa. Creio também que, para que os calçadistas se mantenham no mercado durante as crises que acontecem, e continuarão acontecendo devido às oscilações econômicas, seria bom que eles já estivessem se preparando com “novos turbantes”, ou acabarão fora do mercado internacional.

Diversificar a economia: estratégia de Campo Bom

ENTREVISTA COM ARMIN RUDY BLOSS

Na opinião do vice-prefeito de Campo Bom Armin Rudy Bloss, “a prefeitura de Campo Bom está sintonizada com o panorama socioeconômico do município e há tempo vem diversificando seu mercado de trabalho, para não ficar tão dependente do ramo de calçados. Este, no entanto, é um processo lento e não se consegue, num estalar de dedos, implementá-lo”. Contudo, continua Bloss, é preciso admitir que a cultura de Campo Bom é a do sapato: “Crescemos e nos tornamos um município pujante graças à indústria de calçados. Por isso, rumos devem ser traçados no sentido da manutenção dessa cultura da fabricação de calçados. Campo Bom e outros municípios do Vale do Sinos estão se unindo em busca de novas soluções”.

As declarações fazem parte da entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line. Confira.

IHU On-Line - Quais são os principais efeitos sentidos na economia de Campo Bom em função da crise do setor coureiro-calçadista?

Armin Rudy Bloss - Em um primeiro momento, a crise no setor coureiro-calçadista, como decorrência da redução das produções, e o conseqüente desemprego nas fábricas. Além do fechamento de fábricas, os efeitos se fazem sentir no comércio pela retração de compras. Uns por estarem desempregados, e outros pelo temor da incerteza quanto a seu futuro.

IHU On-Line - E, em termos sociais, quais seriam os principais problemas gerados em função dessa situação?

Armin Rudy Bloss - O principal problema que ocorre é a não conclusão do ciclo econômico no município. Na prática, o desemprego no setor calçadista representa também desemprego no comércio e em outros segmentos. Conseqüentemente, o problema gerado pela crise no setor calçadista acaba resultando num aumento da demanda dos programas sociais desenvolvidos no município, como distribuição de alimentos, remédios, roupas, inclusive para pessoas que não dependiam economicamente do calçado. A busca por estes benefícios junto ao município, resulta, algumas vezes, na baixa auto-estima do cidadão campobonense, que lutou pelo seu “pão” e que agora se vê obrigado a recorrer ao sistema público.

IHU On-Line - Que medidas a prefeitura de Campo Bom vem tomando para amenizar o problema do desemprego das pessoas oriundas do setor coureiro-calçadista? Está havendo alguma espécie de mobilização das autoridades municipais para reverter essa situação? Que medidas estão sendo tomadas?

Armin Rudy Bloss - A prefeitura de Campo Bom está sintonizada com o panorama socioeconômico do município e há tempo vem diversificando seu mercado de trabalho para não ficar tão dependente do ramo de calçados. Este, no entanto, é um processo lento e não se consegue, num estalar de dedos, implementá-lo. Contudo, é preciso dizer que nossa cultura é o sapato. Crescemos e nos tornamos um município pujante graças à indústria de calçados. Por isso, rumos devem ser traçados no sentido da manutenção dessa cultura da fabricação de calçados. Campo Bom e outros municípios do Vale do Sinos estão se unindo em busca de novas soluções.

Além disso, o município dispõe de um Programa de Incentivo a Geração de Emprego - PIGE, que auxilia empresas novas ou em fase de ampliação, com o custeio de locativos de prédio e equipamentos. Muitas empresas em Campo Bom ampliaram seus empreendimentos com o auxílio deste programa. Outrossim, está em fase adiantada de estudo outras ações envolvendo a capacitação da mão-de-obra calçadista em outras atividades não afins com o calçado, além da ampliação dos recursos para o PIGE.

IHU On-Line - O que a viagem à Europa, em curso neste momento, trará de incremento e melhorias ao setor calçadista?

Armin Rudy Bloss - A viagem Missão Ibéria Tecnológica (Portugal e Espanha), organizada pela Feevale, e da qual nosso prefeito é participante, tem por objetivo conhecer os parques tecnológicos lá existentes. Os conhecimentos que os integrantes da comitiva irão assimilar serão, certamente, uma contribuição aos propósitos de nosso prefeito e de outros para a busca de soluções através da diversificação de mercados.

IHU On-Line - Em números, qual é o decréscimo de postos de trabalho e indústrias fechadas em função da crise?

Armin Rudy Bloss - Em Campo Bom, tivemos, há poucos meses, o fechamento de uma fábrica de calçados com sua produção voltada para o mercado externo que gerava 500 empregos. A maior repercussão foi o fechamento anunciado no próximo mês de junho da maior fábrica de sapatos de couros exportadora do Brasil, com sua matriz em Campo Bom e filiais espalhadas no interior do estado. São ao todo 4 mil postos de trabalho, dos quais 600 em Campo Bom, que serão extintos ao longo dos próximos 30 dias.

A redução física de produção, que vem ocorrendo em decorrência da diminuição de negócios na exportação, pelo encarecimento dos preços de sapatos, refletiu no fechamento de mais postos de trabalho, em torno de 1.000 nos últimos seis meses.

IHU On-Line - Para Ênio Erni Klein, diretor executivo e consultor de inteligência comercial

da Abicalçados, órgão que tem como objetivo a defesa das políticas do setor calçadista nacional, “o diferencial do calçado produzido no Vale do Sinos é que a mão-de-obra aqui tem muito conhecimento em relação ao setor. Por isso, daqui saem os calçados com maiores diferenças. Sapatos finos são como os da marca Arezzo. Aqui, no Vale do Sinos, temos a melhor mão-de-obra porque ela sabe, verdadeiramente, trabalhar o calçado”. Como o senhor avalia essa afirmação em face do que vem ocorrendo nos últimos anos? Não é um paradoxo?

Armin Rudy Bloss - A mão-de-obra do setor de calçado do Vale do Sinos é, sem sombra de dúvidas, da melhor qualidade. Isto significa que temos condições plenas de produzir sapatos de couro de qualidade diferenciada. De certo modo, dentro do cenário econômico atual do Brasil, por essa via podemos manter viva a presença do sapato brasileiro nos mercados internacionais. Frise-se, no entanto, que esse nicho de mercado é limitado. Não é o grande mercado internacional dos quais nossas fábricas têm participado.

Entrevista da semana

Vattimo e Rorty, filósofos do pensamento “fraco”

ENTREVISTA COM GIANNI VATTIMO

Para o filósofo italiano Gianni Vattimo, “não se pode compreender a filosofia contemporânea sem passar por Rorty”. Questionado sobre seu diálogo intelectual com o filósofo canadense recém-falecido, Vattimo afirmou que, no plano religioso, suas “idéias são semelhantes”, porque ambos crêem “no fim da metafísica, no fim daquela religião como fundamento último, além do qual não se pode andar, quando, ao invés, ela é apenas uma das tantas formas para interpretar a nossa existência”. Além de um amigo, Rorty era companheiro de pensamento de Vattimo, haja vista que Rorty chegou mesmo a se definir como “pensador fraco”. As declarações podem ser lidas a seguir, na íntegra, e foram concedidas na entrevista exclusiva que Vattimo concedeu, por e-mail, à IHU On-Line.

Essa é a quinta entrevista exclusiva que Vattimo concede à IHU On-Line. A primeira foi publicada na 88ª edição, de 15-12-2003, sob o título O cristianismo é a religião do pós-moderno; a segunda na 128ª edição, de 20-12-2004, sob o título “Deus é projeto, e nós o encontramos quando temos a força para projetar...”; e a terceira saiu na edição 161, de 24-10-2005, quando recebeu pessoalmente a IHU On-Line, em Porto Alegre, no dia 18 de outubro daquele ano. Nessa oportunidade, ele falou sobre “O pós-moderno é uma reivindicação de multiplicidade de visão de mundo”. Sua contribuição mais recente foi à edição número 187 da IHU On-Line, de 03-07-2006, com a entrevista O nazismo e o “erro” filosófico de Heidegger.

Dele publicamos também outros textos que podem ser consultados no sítio www.unisinos.br/ihu. De sua produção intelectual, destacamos, Acreditar em acreditar (Lisboa: Relógio D'Água, 1998); Depois da cristandade. Por um cristianismo não religioso (São Paulo: Record, 2004); e O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna (São Paulo: Martins Fontes, 1996). Sobre Rorty, confira a editoria Memória, publicada na edição 223 da IHU On-Line, de 11-06-2007, de autoria do filósofo Manuel Cruz e a entrevista exclusiva com o Prof. Dr. Paulo Ghiraldelli Jr., publicada na edição 224, de 18-06-2007, “O amor pela democracia é o legado de Rorty”.

**IHU On-Line - Como foi sua convivência com Rorty?
Como era o ser humano Rorty?**

Gianni Vattimo - Rorty¹¹ era uma pessoa muito cordial e sincera. Um amigo. Cada vez que nos víamos, falávamos de nossas vidas. Não tínhamos sequer necessidade de falar de filosofia. Foi gentilíssimo também com todos os meus alunos que estudaram com ele. Conhecemo-nos no longínquo 1979, numa conferência em Milwaukee. Após ter escutado minha conferência, presenteou-me com uma cópia de *Philosophy and the mirror of nature* (Filosofia e o espelho da natureza. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994) e nos demos conta que estávamos nas mesmas posições. Alguns anos mais tarde, numa conferência em Londres, ele se autodefiniu como “pensador fraco”. Além de ser um amigo, era também um companheiro de pensamento.

IHU On-Line - Como se deu o diálogo intelectual entre vocês dois, tomando em consideração a concepção religiosa?

Gianni Vattimo - No plano religioso, as nossas idéias são semelhantes, porque ambos cremos no fim da metafísica, no fim daquela religião como fundamento último além do qual não se pode andar, quando, ao invés, ela é apenas uma das tantas formas para interpretar a nossa existência.

IHU On-Line - Que idéias destacaria como mais importantes do legado filosófico de Rorty?

¹¹ Richard Rorty: filósofo pragmatista estadunidense. Esteve em pé de guerra com a filosofia toda a sua vida. Defendia-se contra a pretensão de absoluto do pensamento analítico e renunciou durante décadas, a modo de protesto contra as correntes tradicionais do seu âmbito, a dirigir uma cátedra de filosofia (apenas aceitou até 1982 um lugar na Universidade de Princeton). Sua principal obra é *Filosofia e o espelho da natureza* (Princeton: Princeton University Press, 1979). (Nota da IHU On-Line)

Gianni Vattimo - Antes de tudo, como eu já disse: o fim da metafísica. Segundo: as conseqüências que comporta este fim: o desmantelamento dos conceitos de verdade, de razão e de representação.

IHU On-Line - Como percebe a influência desse pensador na Filosofia contemporânea?

Gianni Vattimo - Absolutamente decisiva. Não se pode compreender a filosofia contemporânea sem passar por Rorty. Os quatro volumes da coletânea de Cambridge “Philosophical Papers¹²” são essenciais para compreender não só a divisão entre filósofos analíticos e continentais, mas também para superar esta mesma divisão.

IHU On-Line - Como Rorty compreendia a afirmação que o senhor faz de que o cristianismo é a religião da pós-modernidade?

Gianni Vattimo - Para ele, a religião perdeu hoje aquela sacralidade que conseguia torná-la universal! E na minha interpretação pós-moderna ele via esta fé sem metafísica.

IHU On-Line - Dada a condição multifacetada da pós-modernidade, como o cristianismo vem convivendo com a alteridade, com o outro?

Gianni Vattimo - Finalmente pode conviver sem guerra, sem sentir-se obrigado a converter o outro. É verdade que existem guerras de religião também hoje, mas estas são causadas, sobretudo, por políticas racistas que usam a religião para os próprios fins. Obviamente, refiro-me a Bush.

IHU On-Line - Em entrevista à nossa revista, em 15-12-2003, o senhor afirmou que gostaria de uma igreja

¹² Philosophical papers: coletânea publicada em quatro volumes, dentre os quais citamos *Essays on Heidegger and others: Philosophical Papers Vol. 2* (New York: Cambridge University Press, 1991). (Nota da IHU On-Line)

mais aberta e menos autoritária. Como o senhor vê o futuro da religião nesse sentido? O que se pode esperar do papado de Bento XVI?

Gianni Vattimo - Você se refere aqui ao livro *O futuro da religião* (Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006), aos cuidados de Santiago Zabala¹³. Para responder a esta questão, seria preciso retomar o livro. Direi que Bento XVI é muito semelhante a João Paulo II, e que a política do Vaticano não mudou. Tereis lido que agora querem também retirar financiamentos a Amnesty¹⁴. Não creio que devamos esperar muito deste Papa. Deve ser interpretado como um dos últimos esforços do seu sistema autoritário para um pensamento conservador.

IHU On-Line - Bush bombardeia os iraquianos para impor uma democracia. Essa idolatria política encontra correspondência na religião pós-moderna? Por quê?

Gianni Vattimo - Não encontra nenhuma correspondência, porque impor a democracia pertence a um pensamento fundamentalista. Se a pós-modernidade

¹³ **Santiago Zabala**: filósofo europeu, discípulo intelectual do filósofo italiano Gianni Vattimo e seu colaborador. Graduado em Filosofia pela Universidade de Turim, em 2002 obteve o título de mestrado com a orientação de Vattimo. Escreveu os seguintes livros: *Filosofare con Ernst Tugendhat. Il carattere ermeneutico della filosofia analitica* (Milan: Franco Angeli Editore, 2004); *The Hermeneutic Nature of Analytic Philosophy. Introducing Ernst Tugendhat* (New York: Columbia University Press, 2007); e *The remains o being* (New York: Columbia University Press, 2008 - no prelo). Com Vattimo é co-autor de *From Within. Deconstructing Capitalism through Globalization* (New York: Columbia University Press in 2008 - no prelo) e *Nichilismo e Religione* (Rome: Valter Casini, 2005). Editou inúmeras obras, escreveu diversos capítulos de livros e artigos especializados. Para maiores informações, consulte o site www.santiagozabala.com. Zabala foi conferencista da segunda noite do Simpósio Internacional *O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?*, com a conferência *Autonomia do indivíduo e pensamento fraco. Os desafios para uma ética sociopolítica*. Concedeu entrevista exclusiva à *IHU On-Line* edição 220, de 21-05-2007, sob o título "O pensamento fraco é a expansão da autonomia". (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁴ **Amnesty**: Anistia Internacional. Para maiores informações, consulte o site <http://www.amnesty.org/>. (Nota da *IHU On-Line*)

significa o reconhecimento da pluralidade das posições, não se pode impor uma posição sobre outras.

IHU On-Line - Quais são as suas maiores críticas à contribuição do cristianismo à democracia? E em que sentido sua opinião se aproxima da opinião de Rorty, tomando em consideração o pragmatismo e a necessidade que a cultura e a política consigam se mover na multiplicidade?

Gianni Vattimo - A democracia é o sistema político que se caracteriza pelo respeito das minorias. Somente na democracia as religiões podem conviver. Se hoje não o conseguem, é porque não estamos em democracia, como efetivamente acontece.

IHU On-Line - Numa outra entrevista para a nossa revista, aos 20 de dezembro de 2004, o senhor disse que o cristianismo deveria ser anárquico, no sentido de rejeitar a submissão aos "princípios" (a lei natural, a lei do mercado, a lei da Igreja - que são sempre máscaras do autoritarismo e da violência). Em concreto, há algum exemplo neste sentido na nossa sociedade?

Gianni Vattimo - Sim, por certo, basta olhar ao interior da igreja. A quantidade de sacerdotes, gays, leigos, que, embora sendo religiosos, não seguem ao pé da letra... as regras impostas pelo Vaticano, é enorme. O problema é que não se fala nisso porque a mídia tem medo de ser atacada depois. Toda esta massa de sacerdotes e leigos pós-modernos, isto é, que têm fé sem serem submetidos às regras do Papa, são, na realidade, anárquicos. Importante é crer por crer, e não crer no Papa.

Artigo da semana

O terceiro muro

POR CRISTOVAM BUARQUE

Cristovam Buarque, senador pelo PDT-DF, ex-ministro da Educação, publicou no jornal O Globo, de 23-06-2007, o seguinte artigo:

O Brasil começou a ser construído pela força dos braços dos escravos, desenvolveu-se pela habilidade mãos dos operários, mas só avançará com o toque competente dos dedos dos operadores no mundo digital. Essa migração dos braços dos escravos para os dedos dos operadores aconteceu exigindo uma crescente qualificação.

Ao escravo bastava a força; ao operário, força e algum treinamento. Mas os operadores atuais precisam de formação, qualificação e educação. A produção de açúcar, ouro e café consumia mão-de-obra e terra; a indústria exigia, além de mão-de-obra e recursos naturais, o capital-máquina. A produção do futuro vai exigir poucos recursos naturais, quase nenhuma mão-de-obra e muita ciência e tecnologia - elementos que compõem o capital-conhecimento. A passagem da escravidão para a liberdade exigiu a abolição; para a economia industrial com o trabalho livre do operário, foram necessários investimentos e treinamento; para a economia do conhecimento, vai ser preciso uma revolução educacional.

Não é possível formar o capital conhecimento sem boas universidades, e estas não surgirão em todo o seu potencial enquanto, no Brasil, apenas um terço da população jovem concluir o Ensino Médio, e com má qualidade.

Mas a elite brasileira ainda não entendeu a mudança em curso. Os conservadores, contentes com o atual

estado das coisas, acham que basta o tempo para a economia crescer, nos mesmos padrões do capitalismo do século XX. Os chamados progressistas, descontentes com a realidade, acreditam que basta copiar os modelos e métodos do socialismo do século XIX. Os primeiros acham que não é preciso mudar, apenas seguir o rumo do passado. Os outros, que a mudança deve ser feita sem mudar o projeto e os conceitos herdados do passado. No tempo dos operadores digitais, ainda continuam acreditando que a vanguarda do progresso social está no proletariado da mão-de-obra dos operários, que estão se transformando em operadores ou em trabalhadores terceirizados e sem qualificação.

A libertação não está mais na economia nem na estatização, mas na educação e na distribuição do conhecimento. A utopia não é mais uma economia controlada pelo estado que distribui renda, mas um processo social que garanta a mesma chance a todos, e isso só se consegue com uma escola igual para todos: a escola do filho do pobre com a mesma qualidade da escola do filho do rico. Esse é o gesto revolucionário do século XXI. O único capaz de transformar operários em operadores, libertá-los das necessidades e derrubar o muro da desigualdade. Essa é a luta que substitui o objetivo da abolição, do século XIX, e do socialismo, no século XX.

Só a escola igual para todos, e com qualidade máxima, vai permitir que o Brasil derrube o muro da

desigualdade, assegurando a mesma chance a cada brasileiro, e também o muro do atraso, avançando para uma economia do conhecimento.

Mas, para derrubar esses dois muros, é preciso derrubar outro: o muro do atraso mental, da consciência atrasada, parada nos séculos XIX ou XX. A chamada esquerda tradicional se recusa a entender essa mudança na realidade e a defender esse novo conceito de revolução. Há uma razão classista, talvez subjetiva: a revolução na educação terá um efeito distributivo sobre a propriedade do conhecimento e, portanto, sobre o acesso aos privilégios que o saber assegura. Se a escola fosse boa para todos, muitos dos que já entraram na universidade teriam ficado de fora, superados pela educação da maioria, hoje excluída.

Tudo mudou, menos a luta de classes entre os que têm e os que não têm - não mais terra, como no tempo dos escravos; ou capital, como no tempo dos operários; mas conhecimento, nestes tempos de operadores. A revolução consiste em fazer uma educação capaz de transformar operários em operadores.

Mas a esquerda, representante da classe média, tornou-se política, social e ideologicamente conservadora, não derrubou o terceiro muro, e ainda se beneficia dele para proteger seus privilégios de classe dona do conhecimento.

Memória

Giuseppe Alberigo, historiador do Vaticano II

Traduzimos e reproduzimos o artigo que segue, de autoria de Hilari Raguer, historiador e monge de Monserrat, publicado no jornal El País, em 21-06-2007 e traduzido pelo Cepat. Ele fala sobre o professor Giuseppe Alberigo, falecido no último dia 15 de junho, na Itália. Sobre Alberigo, confira as Notícias do Dia de 18-06-2007 do sítio do Instituto Humanitas Unisinos e uma entrevista com José Oscar Beozzo, a seguir, após o artigo.

Faleceu, no dia 15 de junho, em Bolonha, Giuseppe Alberigo, que desde o dia 11 de abril estava em coma, vítima de um derrame cerebral. Nascido em 1926, fez parte do grupo de jovens universitários cristãos que formavam uma família espiritual presidida pelo cardeal

de Bolonha Giacomo Lercaro¹⁵. Formou-se como historiador com o grande estudioso do Concílio de Trento, Hubert Jedin¹⁶. Teve também estreita relação

¹⁵ Giacomo Lercaro: arcebispo de Bolonha. Foi um dos quatro coordenadores (“moderadores”) do Concílio Vaticano II. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁶ Hubert Jedin (1900-1980): historiador da Igreja e padre católico. (Nota da *IHU On-Line*)

com Giuseppe Dossetti¹⁷, deputado da ala esquerda da Democracia Cristã, partidário da abertura “alla sinistra” (à esquerda), que deixou a política, foi ordenado sacerdote e seria o conselheiro intelectual e teológico de Lercaro e finalmente se retirou para uma comunidade monástica estritamente contemplativa por ele fundada. Por inspiração de Dossetti, Lercaro fundou o Instituto de Ciências Religiosas de Bolonha, dirigido por Alberigo, com sua revista *Cristianesimo nella Storia*, para estudar a Igreja com um método rigorosamente histórico, deixando para outros o enfoque teológico ou apologético. Foi professor de História do Cristianismo na Faculdade de Ciências Políticas de Bolonha.

Os dois grandes temas de Alberigo foram João XXIII¹⁸ e o Vaticano II¹⁹. Propugnou que, superando a mera exegese dos documentos conciliares, se investigasse com

¹⁷ Giuseppe Dossetti (1913-1996): jurista italiano, político e, a partir de 1958, padre católico. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁸ Papa João XXIII (1881-1963): nascido Angelo Giuseppe Roncalli, na Itália. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o “Papa Bom”, João XXIII foi declarado beato por João Paulo II em 2000. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁹ Concílio Vaticano II: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano. O IHU promoveu, de 11 de agosto a 11-11-2005, o *Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II - marcos, trajetórias e perspectivas*. Confira, também, a edição 157 da *IHU On-Line*, de 26-09-2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*, disponível para download na página eletrônica do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

rigor histórico o acontecimento conciliar. Com uma ampla equipe internacional (do qual fizeram parte Evangelista Vilanova²⁰ e este que assina este artigo), empreendeu uma vasta recopilação de diários e cartas de bispos e teólogos protagonistas do Concílio. Sobre esta base, publicou-se sob sua direção a magna História do Concílio Vaticano II em cinco volumes²¹. Com este método, Alberigo, contra os que limitam o Vaticano II estritamente aos documentos aprovados, defendeu o genuíno espírito conciliar que Paulo VI²² sacrificou no altar da unidade, obscurecendo os principais documentos segundo as exigências da minoria conservadora e contra a vontade renovadora majoritária (qualquer semelhança com a transição política espanhola será mera coincidência).

Conheci o professor Alberigo em 1978, num seminário por ele dirigido para a formação de historiadores da Igreja, sobre João XXIII. Sua hipótese de trabalho era que Roncalli não era simplesmente um bonachão simpático e brincalhão, mas pouco preparado, que não sabia o que fazia. No seminário foi abordado o caso do Secretário de Estado Tardini²³ e sua Vila Nazaré, que acolhia órfãos de guerra. Uma aluna, acreditando seguir a corrente do professor, disse que isto era o que muitos curiais faziam: montar algo benéfico para que saísse nos meios de

²⁰ Evangelista Vilanova: monge beneditino de Montserrat e professor na Faculdade de Teologia de Barcelona, Espanha. Escreveu, entre outros, *Histoire des théologies chrétiennes, 1, Des origines au XVe siècle* (Paris: Du Cerf, 1997). (Nota da *IHU On-Line*)

²¹ Os dois primeiros volumes encontram-se publicados pela Editora Vozes. (Nota da *IHU On-Line*)

²² Paulo VI (1897-1978): Giovanni Battista Montini foi papa da Igreja Católica entre 1963 e 1978. Faleceu no dia 6 de agosto de 1978. Chefou a Igreja Católica durante a maior parte do Concílio Vaticano II e foi decisivo na colocação em prática das suas decisões. (Nota da *IHU On-Line*)

²³ Domenico Tardini (1888-1961): cardeal italiano da igreja católica e membro proeminente da Cúria Romana do Vaticano. (Nota da *IHU On-Line*)

comunicação. Alberigo lhe respondeu: “Não é isto, senhorita. É algo muito pior. Tardini levava muito a sério a Vila Nazaré, dedicava a ela muito tempo e dinheiro e amava como pai aqueles órfãos. Mas, como Secretário de Estado, seguia a política dos Estados Unidos e do Pacto Atlântico, que produzia órfãos de guerra”. Ao contrário, em João XXIII - explicou Alberigo - nunca houve dicotomia entre sua vida pessoal e espiritual e sua atuação como sacerdote, diplomata, bispo ou Papa. As notas que o caracterizavam já desde jovem (origem humilde, distinguir o essencial do secundário, mostrar-se bondoso com todos e obsessivo pela paz), uma vez Papa as transferirá a “seu” Concílio: Igreja dos pobres, suprimir ou mudar coisas secundárias caducas (aggiornamento), um concílio de misericórdia e não de anátemas, uma Igreja não senhora, mas servidora da humanidade e que fomenta a Paz na terra.

Alberigo obteve o título doutor *Honoris Causa* por Munique, Estrasburgo e Münster. A Faculdade de Teologia da Catalunha queria conceder-lhe a mesma honra, mas o cardeal Carles²⁴, Grão-Chanceler, tendo consultado a Congregação romana responsável pelas Universidades e Seminários, disse que não se daria a necessária aprovação. Alberigo quis averiguar o que havia contra ele em Roma e através de seu amigo, o então cardeal Ratzinger, soube que sua ficha estava suja porque havia participado, anos atrás, de um simpósio sobre os cristãos pelo socialismo, no qual havia defendido uma posição crítica quanto a esta opção.

²⁴ Ricardo Maria Carles Gordó (1926): cardeal e arcebispo emérito de Barcelona da Igreja Católica Romana. (Nota da *IHU On-Line*)

GIUSEPPE ALBERIGO

* 1926 – Cuasso al Monte (Varese)

+ 2007 – Bolonha (Bologna)

ENTREVISTA COM JOSÉ OSCAR BEOZZO

José Oscar Beozzo é padre, teólogo e um dos maiores historiadores da Igreja na América Latina. Ele fala, na entrevista que segue, concedida por e-mail à IHU On-Line, sobre o professor Giuseppe Alberigo, falecido no último dia 15 de junho, na Itália. Beozzo é coordenador-geral do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (Cesep). É autor de inúmeros livros, entre os quais A Igreja do Brasil (Petrópolis: Vozes, 1993). Faz parte do Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina (CEHILA-Brasil) e é filiado à Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina e no Caribe (CEHILA). Confira, nesta edição, o artigo Aparecida: propostas, ênfases e lacunas, também publicado pelo site do IHU, www.unisinos.br/ihu em 23-06-2007, escrito por Beozzo sobre a V Conferência, para a Prelazia de São Felix do Araguaia. Em 20-08-2006 o sítio do IHU publicou a entrevista “A política tornou-se, o mais das vezes, um teatro”, realizada com Beozzo e publicada pela editoria Teologia Pública da edição 192 da IHU On-Line, de 21-08-2006 sob o título Um olhar sobre o ecumenismo. Confira o que ele destaca sobre o legado de Alberigo para a Igreja e a sociedade.

IHU On-Line - O senhor trabalhou e conviveu com Alberigo. Poderia dar um breve depoimento sobre o que guarda de mais bonito desse convívio?

José Oscar Beozzo - Faleceu no dia 15 de junho, último, em Bologna, aos 81 anos, o professor Giuseppe Alberigo, sem dúvida o mais importante historiador contemporâneo da Igreja. Guardo dele duas imagens contrastantes. A primeira, a do professor acolhedor, mas sério e respeitado, até um pouco temido por alunos e pesquisadores da Fundação do Instituto para as Ciências Religiosas João XXIII, organismo agregado à Universidade de Bolonha e da qual era o principal responsável. A segunda imagem, a do avô extremoso e carinhoso, que, na sua intimidade, deixava ser arrastado ao tapete da

sala de jantar pela sua netinha Francesca, que, com voz imperiosa, lhe dizia: “Nonno, venga giocare con me!” (Vô, vem brincar comigo!).

IHU On-Line - Qual é o principal legado de Alberigo para a Igreja e a sociedade?

José Oscar Beozzo - Sob os auspícios do então Cardeal Lercaro, Giuseppe Dossetti, um dos mais importantes políticos e intelectuais italianos, um dos fundadores da Democracia Cristã e secretário da Assembléia Constituinte italiana de 1946, iniciou em Bologna, em 1952, uma experiência única no panorama cultural-religioso da Itália: um centro de estudos e debates na

encruzilhada entre fé cristã e mundo contemporâneo. O centro estava atento à questão da presença e do testemunho cristão dos leigos no campo da política, economia, trabalho, arte e cultura. Dossetti, de deputado e dirigente político, tornou-se sacerdote da arquidiocese de Bologna e, depois, fez-se monge. O professor Alberigo sucedeu-o na direção do Instituto, assumindo e ampliando sua herança, tornando-se por quase quarenta anos um pouco a alma e o rosto do Instituto per le Scienze Religiose.

O Instituto assumiu com entusiasmo a proposta conciliar de João XXIII. Entre outras iniciativas, preparou e entregou para o Papa, em vista da primeira sessão do Concílio Vaticano II (1962) uma preciosa coletânea dos decretos de todos os anteriores concílios ecumênicos, que foi igualmente colocada à disposição dos demais padres conciliares e peritos.

Alberigo foi formado em história na escola do professor Hubert Jedin, o grande especialista do Concílio Tridentino, e na de Delio Cantimori²⁵, o brilhante historiador dos “hereges” italianos do século XVI, do qual foi assistente na Universidade de Florença. Foi discípulo de Dossetti e estreito colaborador do Cardeal Lercaro durante seu episcopado em Bolonha. Empenhou o Instituto de Ciências Religiosas de Bolonha na pesquisa histórica e no diálogo cultural e religioso, tornando-o o mais importante centro de estudos acerca dos Concílios, de modo particular, do Concílio Vaticano II.

Alberigo empreendeu, entre muitas outras, três pesquisas notáveis: uma acurada investigação de toda a vida e obra de Giuseppe Roncalli, culminando com uma edição crítica do seu *Giornale dell’Anima* (Diário da Alma), do discurso de abertura do Vaticano II, o *Gaudet*

²⁵ Delio Cantimori (1904-1966): historiador e político italiano. (Nota da IHU On-Line)

Mater Ecclesia (Alegra-se a Mãe Igreja), enquanto seus colaboradores se debruçavam sobre a trajetória de vida de Roncalli, na diocese de Bergamo, na diplomacia vaticana que o levou à Romênia, Turquia e Grécia, como delegado apostólico; a Paris, como Núncio, e depois a Veneza, como patriarca, antes de ser eleito Papa. Ele e sua esposa Angelina escreveram uma importante biografia e seleção de escritos de João XXIII. O Instituto tornou-se o principal centro de estudos roncalianos, a ponto de a Congregação das Causas dos Santos confiar-lhe a etapa de instrução de todo o volumoso processo de estudo dos seus escritos e que antecedeu sua recente beatificação. A segunda grande área de pesquisa esteve voltada para o Concílio Vaticano II. Alberigo coordenou, por doze anos, a imensa tarefa de produzir, com colaboradores de todos os continentes e uma ampla e acurada pesquisa histórica, a principal *História do Concílio Vaticano II*, publicada em cinco volumes (1994-2001) em italiano, francês, inglês, espanhol, alemão e agora também em russo. Lamentavelmente, em português, por problemas editoriais, foram publicados pela Editora Vozes de Petrópolis apenas os dois primeiros tomos desta obra monumental. Em torno à pesquisa conciliar, foram editados duas dezenas de outros títulos fruto de encontros, seminários e teses de doutorado dos jovens pesquisadores do Instituto que se debruçaram sobre os principais documentos do Vaticano II. Esta febril atividade valeu ao Instituto o título de “officina bolognese” e fez de sua biblioteca e de seus arquivos, hoje vinculados à Universidade de Bologna, sem sombra de dúvida, o mais importante acervo documental e bibliográfico do Vaticano II, da história dos Concílios e de história da Igreja. Ali estão depositados os papéis conciliares do Cardeal Giacomo Lercaro, de outros bispos italianos e de importantes peritos conciliares. O atual Papa Bento XVI reiterou, em abril deste ano, ao Prof. Alberigo, sua promessa datada de 2001, de legar ao Instituto de Bolonha, todos os seus escritos do tempo em

que foi perito conciliar e assessor do Cardeal Frings²⁶ de Colônia, na Alemanha. Bento XVI tranqüilizou o Prof. Alberigo, assegurando-lhe que a doação encontrava-se consignada nas suas disposições testamentárias.

A terceira pesquisa à qual dedicou seus últimos anos de vida girou em torno a uma nova edição crítica, em quatro volumes, dos decretos de todos os anteriores concílios ecumênicos: 'Conciliarum oecumenicorum generaliumque decreta' (Decretos dos Concílios Ecumênicos e Gerais), lançada pela prestigiosa coleção "Corpus Christianorum" da Editora Brepols da Holanda. O primeiro volume da obra foi entregue pessoalmente ao Papa Bento XVI em audiência privada em abril deste ano. A publicação não deixou de causar viva polêmica, que ganhou, inclusive, as páginas do *Observatore Romano* nas últimas semanas. Alberigo classificou os concílios como "ecumênicos", reservando este título apenas para os sete primeiros concílios, acolhidos como tais tanto pelo oriente como pelo ocidente cristãos, e como "gerais" todos os demais concílios, chamados igualmente de ecumênicos no âmbito historiográfico católico. Entre estes, estão incluídos os concílios medievais, o Tridentino, o Vaticano I e o Vaticano II, que não são recebidos como "ecumênicos" pelas demais igrejas cristãs.

***IHU On-Line* - Como o senhor caracteriza a forma dele registrar a história da Igreja? Qual é a particularidade de Alberigo ao relatar o Concílio Vaticano II?**

José Oscar Beozzo - O professor Alberigo alçou a História da Igreja, inclusive a contemporânea a um nível de seriedade e de credibilidade científica que a fez retornar ao quadro da pesquisa acadêmica de quase todas as universidades italianas articuladas num

²⁶ **Joseph Frings** (1887-1978): arcebispo de Colônia, Alemanha, nomeado em 1º de maio de 1942 e elevado a Cardeal em 18 de fevereiro de 1946. (Nota da *IHU On-Line*)

programa nacional de investigação histórica. Deixo a palavra a Andréa Riccardi²⁷, importante estudioso da história contemporânea, acerca desta contribuição específica de Alberigo e de sua escola bolonhesa:

“A cultura italiana não pode se esquecer da grande contribuição de Alberigo, para o despertar do interesse pelos estudos históricos da Igreja, do cristianismo, da história da teologia e, num sentido mais amplo. do interesse pelas temáticas religiosas. Trata-se de um setor quase esquecido na Universidade italiana, considerado de interesse apenas para os estudiosos da antiguidade ou como um campo de caráter confessional. Alberigo, que ensinou desde 1968 na Universidade de Bolonha, foi uma dessas personalidades que, nos tempos em que os estudos do campo religioso eram tratados como uma espécie de arqueologia, chamou a atenção sobre o seu valor para compreender o presente e para estabelecer uma verdadeira cultura humanística. E, em parte, conseguiu criar este espaço e esta sensibilidade. O estudioso de Bolonha buscou por outro lado oferecer seus estudos à Igreja. Não o fazia para envolver a autoridade do Papa ou da Igreja em interpretações cuja responsabilidade era por ele assumida, pessoalmente. A apresentação dos trabalhos do Instituto aos Papas, desde a entrega dos Decretos dos Concílios Ecumênicos ao Papa João XXIII, já em 1962, até o último encontro com Bento XVI, exprime simbolicamente a atitude com que trabalhou e viveu Alberigo: oferecer a história, a sua historiografia à Igreja”.

²⁷ **Andréa Riccardi** (1950): historiador italiano, fundador da Comunidade de Santo Egidio em 1968, associação de laicos católicos sediada em Trastevere, dedicada a promover o diálogo e o ecumenismo em todo o mundo. Atualmente, conta com mais de 30 mil membros em 34 países. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Quais são os destaques entre as obras de Alberigo?

José Oscar Beozzo - Empenhei-me para que fossem publicadas no Brasil algumas de suas obras mais importantes, como a *História do Concílio Vaticano II*, em cinco volumes, pelas Vozes de Petrópolis; a *História dos Concílios Ecumênicos*, por ele coordenada, pela Editora Paulus; a *Herança Espiritual de João XXIII* pelas Paulinas, e, mais recentemente, a *Vida do Papa João XXIII* pelas Paulinas. A Editora Santuário publicou há pouco uma História sintética do Concílio Vaticano II. Tive ainda a alegria de que escrevesse o prefácio para o livro *“A Igreja do Brasil no Vaticano II”* (Paulinas, UCAM, CAAL, 2005), resultado de longa pesquisa que realizei, sob sua inspiração, nos arquivos e na biblioteca do Instituto de Bolonha e no Fundo Vaticano II da Biblioteca da Obra Social Redentorista Pesquisas Religiosas, em São Paulo. Não se pode aquilatar a irradiação do Prof. Alberigo sem examinar a marca que deixou nos números por ele coordenados sobre a História da Igreja na Revista Internacional de Teologia, *Concilium*, da qual foi um dos fundadores, junto com Karl Rahner²⁸, Hans Küng²⁹,

²⁸ **Karl Rahner** (1904-2004): importante teólogo católico do século XX, ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt (O Espírito no mundo)*, 1939; *Hörer des Wortes (Ouvinte da palavra)*, 1941; *Schriften zur Theologie (Escritos de Teologia)*, 16 volumes escritos entre 1954 e 1984; e *Grundkurs des Glaubens (Curso Fundamental da Fé)*, 1976. Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o Simpósio Internacional *O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI*, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A *IHU On-Line* número 90, de 1º-03-2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner, e a edição 94, de 2-03-2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner. No dia 28-04-2004, no evento *Abrindo o Livro*, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro *Curso fundamental da Fé*, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na *IHU On-Line* n.º 98, de 26 de abril de 2004. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H.

Gustavo Gutierrez³⁰, Edward Schillebeeckx³¹, e, por mais de 25 anos, membro do seu Conselho de Direção. Pedi-me que o substituísse nesta função a partir de 1992. Continuou, porém, guiando-me e orientando-me no vasto campo da história da Igreja, já que o horizonte de minhas pesquisas estava limitado ao Brasil e à América Latina e ao Caribe.

Vorgrimler no *IHU On-Line* número 97, de 19-04-2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos*. A edição número 102, da *IHU On-Line*, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner. Os *Cadernos Teologia Pública* publicaram o artigo *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁹ **Hans Küng** (1928): teólogo suíço. É padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infalibilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Global em Tübingen. Dedicou-se ao estudo das grandes religiões, sendo autor de obras, como *A Igreja Católica*, publicada pela editora Objetiva, e *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*, pela editora Verus. Para conhecer sua trajetória confira Hans KÜNG. *Libertad conquistada. Memórias* (Madrid: Trotta, 2004). (Nota da *IHU On-Line*).

³⁰ **Gustavo Gutiérrez** (1928): padre e teólogo peruano, um dos pais da Teologia da Libertação. Gutiérrez publicou, depois de sua participação na Conferência Episcopal de Medellín de 1968, a *Teologia da Libertação* (Petrópolis: Vozes, 1975), traduzida para mais de uma dezena de idiomas, e que o converteu num teólogo polêmico. Uma década mais tarde, participou da Conferência Episcopal de Puebla (México, 1978), que selou seu compromisso com os desfavorecidos e serviu de motor de mudança na Igreja, especialmente latino-americana. Alguns dos últimos livros de Gustavo Gutiérrez são: *Em busca dos pobres de Jesus Cristo. O pensamento de Bartolomeu de Las Casas* (São Paulo: Paulus, 1992) e *Onde dormirão os pobres?* (São Paulo: Paulus, 2003). (Nota da *IHU On-Line*)

³¹ **Edward Schillebeeckx** (1914), teólogo holandês, frei dominicano, é considerado um dos mais importantes peritos oficiais do Vaticano II e um dos mais importantes teólogos do século XX. (Nota da *IHU On-Line*)

Foi também o fundador e animador da revista de pesquisa histórica, publicada pelo Instituto de Bolonha, “Cristianesimo nella Storia”, Cristianismo na História, uma das mais prestigiosas e internacionalmente respeitadas publicações no campo da história do cristianismo.

Manteve laços de especial carinho para com o Brasil que visitou em 1995, acompanhado de sua esposa Angelina e de sua filha Paola, para participar da II Conferência Geral de História da Igreja na América Latina e no Caribe, realizada pela CEHILA (Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina) em parceria com a PUC de São Paulo. Acolheu em Bolonha, com bolsa do Instituto, para um doutorado sobre as Cartas Conciliares de Dom Helder Camara³², o prof. Luiz Carlos Luz Marques, atualmente professor de História da Universidade Católica do Recife, PE, e editor destas mesmas cartas³³ pelo Instituto Dom Helder Camara e pela Universidade Federal de Pernambuco.

³² Dom Hélder Câmara (1909-1999): arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo, como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12 de março de 1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar, momento político este que o tornou um líder contra o autoritarismo e os abusos aos direitos humanos, praticados pelos militares. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais, destinadas a atender às comunidades do Nordeste, que viviam em situação de miséria. Dedicamos a editoria *Memória da IHU On-Line* número 125, de 29-11-2005, a Dom Hélder Câmara, publicando o artigo *Hélder Câmara: cartas do Concílio*. Na edição 157, de 26-09-2005, publicamos a entrevista *O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil*, realizada com Ernanne Pinheiro. (Nota da *IHU On-Line*)

³³ Vaticano II: *Correspondência Conciliar. Circulares à Família do São Joaquim* (1962-1964) (Recife: Editora Universitária da UFPE / Instituto Dom Helder Camara, 2004). (Nota da *IHU On-Line*)

Teologia Pública

A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Aparecida: propostas, ênfases e lacunas

POR JOSÉ OSCAR BEOZZO

Repercutindo a edição 224 da IHU On-Line, de 18-06-2007, intitulada Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência, o padre e teólogo José Oscar Beozzo concedeu a entrevista a seguir. Dele, confira também o artigo sobre Giuseppe Alberigo, publicada na editoria Memória da presente edição.

A V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano (Aparecida: 13 a 31 de maio de 2007) colocou como pano de fundo dos desafios que emergem da realidade vivida por nossos povos, o modelo de globalização neoliberal. Ao lado de janelas de oportunidade e de uma explosão das comunicações que aproximou os povos, este modelo contém um cerne perverso e excludente: a total financeirização das relações econômicas e a busca do lucro como objetivo primeiro. Esta globalização excludente agravou a distância entre os países e aprofundou as desigualdades econômicas e sociais da população, empobrecendo drasticamente milhões de desempregados, migrantes e refugiados de guerras, desastres econômicos e ambientais, verdadeira massa sobrando em nossas sociedades.

O aquecimento global, a contaminação das águas, os desmatamentos, de modo particular na Amazônia e a poluição do ar nas grandes cidades, enfim os graves problemas do meio ambiente que vêm afetando de maneira dramática os mais pobres, surgiu como outro grave desafio na nossa realidade continental.

Um terceiro desafio veio da persistente desigualdade e discriminação social, cultural, racial e de gênero que

pesam sobre as populações indígenas e afro-americanas, sobre as mulheres, os migrantes e outros grupos sociais, como os presos, idosos e enfermos de AIDS.

Destacou-se por outro lado, os esforços dos movimentos sociais e políticos para reverterem esta situação, imprimirem uma orientação social aos governos, recuperarem o controle dos recursos naturais com ascensão aos governos, em muitos dos nossos países, de lideranças dos setores populares.

Entre as propostas para renovar o anúncio do evangelho no continente, a Conferência propôs o fiel seguimento de Jesus e de sua prática, reencontrando seu rosto no rosto sofrido dos mais pobres, renovando a evangélica opção preferencial pelos pobres, retomando a forma de ser igreja das comunidades eclesiais de base, apoiadas na leitura popular da Bíblia, num aberto e leal diálogo ecumênico e inter-religioso, na acolhida e reconhecimento dos ministérios leigos em especial das mulheres.

Colocou ainda entre as propostas a construção de um continente de justiça e de paz, em que os esforços de integração dos povos da América Latina e do Caribe

venham acompanhados de uma maior atenção e cuidado com toda a criação.

Ganharam finalmente espaço e destaque a identidade própria dos povos indígenas e afro-americanos e a necessidade de a Igreja respeitar a sua alteridade e continuar no caminho da inculturação do evangelho, da pastoral, da liturgia e da teologia, defendendo, ao mesmo tempo, suas terras ameaçadas e lutando por superar, internamente e na sociedade, as discriminações, preconceitos e racismo ainda presentes.

Merece destaque o propósito explicitamente declarado da Conferência de retomar, em suas análises, na sua reflexão e prática pastoral, o método “ver, julgar e agir” como importante ferramenta para melhor diagnosticar os problemas existentes e empenhar-se na transformação daquelas realidades que ferem a dignidade do ser humano e a integridade da criação. Neste sentido, ressaltou-se também a necessidade do empenho político dos cristãos para se construir a justiça, superar as desigualdades e a violência crescente nas nossas sociedades.

Reafirmou-se o propósito de a Igreja lançar uma grande missão continental voltada principalmente para os católicos que ficaram à margem do cuidado evangelizador e pastoral da igreja nas zonas rurais afastadas, nas áreas de migração e na periferia das grandes cidades. Deixou-se, porém, a cada igreja a tarefa de melhor delinear os conteúdos e o método desta missão e para a próxima Assembléia do CELAM que vai se reunir em Cuba, no mês de julho, discutir a maneira de apoiar e articular os esforços das igrejas locais.

Em Aparecida, retomou-se uma caminhada latino-americana e caribenha de Igreja, renovando-se, neste sentido, a esperança de uma igreja mais próxima do povo, a serviço mais do Reino do que de si própria, nos caminhos apontados pelo encontro do índio Diego com a Virgem de Guadalupe e dos pescadores pobres do Paraíba do Sul com a Virgem Negra de Aparecida.

Na ênfase colocada na Palavra de Deus e na partilha eucarística para a vida das comunidades, faltou enfrentar, com coragem, a questão da multiplicação dos ministérios ordenados, inclusive das mulheres, para que não continuem as comunidades em muitos lugares, como ovelhas sem pastor.

Dos movimentos, veio a proposta insistente de um itinerário de formação mais aprofundada dos batizados todos e de um empenho mais ativo na vida da Igreja.

A teologia da libertação, que atravessa como pano de fundo e um fio invisível partes importantes da Mensagem e do Documento final, não é mencionada como uma das riquezas da caminhada eclesial latino-americana e caribenha.

O último parágrafo da Mensagem, que acrescentamos logo abaixo, oferece um roteiro iluminador das principais opções e propostas da V Conferência, terminando com o apelo a se construir a Esperança no serviço à vida, à justiça e à paz.

“Em Medellín e em Puebla terminamos dizendo: “CREMOS”. Em Aparecida, como o fizemos em Santo Domingo, proclamamos com todas as nossas forças: CREMOS E ESPERAMOS.

Esperamos...

Ser uma Igreja viva, fiel e crível, que se alimenta na Palavra de Deus e na Eucaristia.

Viver o nosso ser cristão com alegria e convicção como discípulos-missionários de Jesus Cristo.

Formar comunidades vivas que alimentem a fé e impulsionem a ação missionária.

Valorizar as diversas organizações eclesiais em espírito de comunhão.

Promover um laicato amadurecido, co-responsável com a missão de anunciar e fazer visível o Reino de Deus.

Impulsionar a participação ativa da mulher na sociedade e na Igreja.

Manter com renovado esforço a nossa opção

preferencial e evangélica pelos pobres.

Acompanhar os jovens na sua formação e busca de identidade, vocação e missão, renovando a nossa opção por eles.

Trabalhar com todas as pessoas de boa vontade na construção do Reino.

Fortalecer com audácia a pastoral da família e da vida.

Valorizar e respeitar nossos povos indígenas e afro-descendentes.

Avançar no diálogo ecumênico “para que todos sejam um”, como também no diálogo inter-religioso.

Fazer deste continente um modelo de reconciliação, de justiça e de paz.

Cuidar a criação, casa de todos, em fidelidade ao projeto de Deus.

Colaborar na integração dos povos da América Latina e do Caribe.

Que este Continente da esperança seja também o Continente do amor, da vida e da paz!”

Filme da semana

OS FILMES COMENTADOS NESTA EDITORIA ESTÃO EM EXIBIÇÃO EM PORTO ALEGRE E FORAM VISTOS POR ALGUM/A COLEGA DO IHU.

Batismo de sangue, de Helvécio Ratton

Ficha técnica:

Nome original: Batismo de sangue

Cor filmagem: Colorida

Origem: Brasil

Ano produção: 2006

Gênero: Drama - Político

Duração: 110 min

Classificação: livre

Direção: Helvécio Ratton

Elenco: Daniel de Oliveira, Caio Blat, Ângelo Antônio

Entre a fé e a ação revolucionária

Luiz Carlos Merten comenta o filme para o jornal Estado de S. Paulo do dia 19-04-2007.

Helvécio Ratton fez filmes sobre (e para) crianças, como *A festa dos bonecos* e *O menino maluquinho*. Depois, vieram *Uma onda no ar*, sobre os jovens de Belo Horizonte que criam uma rádio comunitária, uma rádio pirata, e agora *Batismo de sangue*, sobre a memória da repressão durante o regime militar. *Batismo de sangue* se baseia no livro de Frei Betto. O grande personagem é Frei Tito³⁴, interpretado por Caio Blat, o dominicano que apoiou Marighella³⁵, foi preso e torturado. Algo se quebrou em Frei Tito e ele introjetou de tal forma a figura do torturador que terminou por se matar. É uma

³⁴ **Frei Tito de Alencar Lima (1945-1974)**: Religioso dominicano nascido em Fortaleza. Envolvido no compromisso político, assumiu a direção da Juventude Estudantil Católica em 1963. Em outubro de 1968, foi preso por estar participando de um congresso clandestino da União Nacional dos Estudantes em Ibiúna. Foi fichado pela polícia e tornou-se alvo de perseguição da repressão militar. No início de 1970, Frei Tito foi torturado nos porões da “Operação Bandeirantes”. Em 1971, foi deportado para o Chile e, sob a ameaça de novamente ser preso, fugiu para a Itália. De Roma foi para Paris, onde encontrou refúgio entre os dominicanos. Traumatizado pela tortura que sofreu, Frei Tito submeteu-se a um tratamento psiquiátrico. Seu estado era instável. No dia 10 de agosto de 1974, um morador dos arredores de Lyon, encontrou o corpo de Frei Tito, suspenso por uma corda. Uma foto de Frei Tito de Alencar Lima é a última imagem do documentário *Ato de Fé*, que trata da relação dos frades dominicanos com a Aliança Libertadora Nacional (ALN). O filme foi exibido no dia 19 de maio de 2005, último dia do Simpósio Internacional *Terra Habitável: um desafio para a humanidade*, promovido pelo IHU. Com direção de Alexandre Rampazzo e produção de Tatiana Polastri, o filme já foi comentado nas páginas da *IHU On-Line*, por Amir Labaki na edição 113, de 30 de agosto de 2004, e por Jurandir Freire Costa, na 137ª edição, de 18 de abril de 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁵ **Carlos Marighella (1911-1969)**: foi um político e guerrilheiro brasileiro, um dos principais organizadores da luta armada para a implantação do Comunismo no Brasil e contra o regime militar a partir de 1964. (Nota da *IHU On-Line*)

história muito forte, mas não foi o desejo de testemunho que levou Helvécio Ratton, de 56 anos, ao projeto.

Ele próprio, quando jovem, viveu no olho do furacão. Exilou-se no Chile e lá começou a fazer cinema. No fundo, lá no inconsciente, Ratton sempre teve o desejo de contar a história de sua geração. Era um desejo meio difuso, até que, em 2002, Frei Betto relançou *Batismo de sangue* e lhe enviou um exemplar do livro com uma dedicatória com teor de provocação - “Coragem!” Ratton releu o livro e descobriu que tinha tudo. Política, uma juventude utópica, violência, tortura, ação. *Batismo de sangue* dava, imaginou o diretor, um grande thriller de cinema. E foi com este olho que ele fez o filme.

Batismo de sangue começa pelo fim, quando Frei Tito avança por uma floresta, visivelmente perturbado. O espectador abre os olhos para uma tragédia iminente. Ele se mata (enforca-se). Por meio de flash-backs desenvolve as idéias dos frades dominicanos que embarcam na utopia revolucionária dos anos 60 e, atraídos pela promessa de Marighella de um Brasil mais justo, dos pobres e da liberdade, dão apoio à guerrilha urbana. O horror da repressão é encarnada pelo delegado Sérgio Fernando Paranhos Fleury³⁶, o torturador. Ratton fez pesquisas que poderiam revelar um Fleury íntimo e ainda mais brutal. Ele quis recriar na tela o Fleury que aflige a memória de Frei Betto e Frei Tito. O personagem, interpretado por Cássio Gabus Mendes, vira um estereótipo da banalização do mal. Ratton não concorda

³⁶ **Sérgio Fernando Paranhos Fleury (1933 - 1979)** foi um delegado do DOPS de São Paulo, conhecido pelos métodos de tortura brutais que usava para obter confissões na época do regime militar no Brasil. Este período foi conhecido como os Anos de chumbo. (Nota da *IHU On-Line*)

- “Ele é visto pelo ângulo de quem sofreu. Não poderia ser diferente”, disse o diretor numa entrevista realizada na semana passada, em São Paulo. Frei Betto, com quem o repórter também conversou, vem em seu socorro - “Se Fleury é esse estereótipo que você diz, Frei Tito é o antiestereótipo.”

Como filmar um homem que introjeta, dentro de si, a brutalidade deste outro que o torturou até quebrar alguma coisa dentro de si? “Tem uma cena em que Frei Tito diz que não acredita em mais nada. Nem Freud, nem Marx, nem Cristo. Ele antecipa uma descrença que se generalizou”, diz o diretor. Mas Frei Tito nunca desistiu de sua utopia. “Ele se mata para não ficar louco. A loucura seria pior que a morte. Seria a vitória do torturador”, explica o diretor. É um filme brutal. As cenas de tortura são de um realismo próximo ao de Mel Gibson em *A paixão de Cristo*³⁷. Ratton não teve medo de pesar a mão. Queria fazer um filme para o público jovem. Ficou gratificado quando um jovem, num debate, lhe agradeceu por haver mostrado um Brasil que ele não conhecia. “Achava que aqui tinha sido mais *light*, que a violência tinha sido no Chile, na Argentina”, disse o garoto.

Batismo de sangue estréia na cola de outros filmes recentes que também trataram dos anos de chumbo. **Cabra cega**, **Zuzu Angel**. É todo um período da história brasileira que vai sendo retraçado. A juventude utópica é colocada em discussão para outra juventude que, agora, é considerada consumista e alienada. Frei Betto não concorda. A juventude é o que é por conta das mudanças que ocorreram no mundo, não porque escolheu ser assim. E ele compara. “Os comunistas socializavam os bens de

produção e privatizavam o sonho. As economias neoliberais privatizam os bens de consumo e socializam o sonho. Hoje, qualquer jovem de periferia ou de favela tem os mesmos desejos consumistas de quem tem dinheiro, mas ele não tem. Isso produz a violência na qual estamos imersos.”

Frei Betto havia ficado impressionado com o trabalho do ator Daniel de Oliveira em Cazuza, de Sandra Werneck e Walter Carvalho. Tomou um susto quando se viu na tela, na interpretação de Daniel. “Tivemos um encontro, ele ficou uns dois dias me observando. Captou coisas minhas, muito íntimas. Se transformou, fisicamente. Amigos me confessaram que também me viram na tela.” Daniel de Oliveira acredita em pesquisa, em informação. Leu sobre a época, absorveu tudo o que podia no contato direto com Frei Betto. Não dizia que ia fazer assim nem assado. Olhava para introjetar. “O trabalho para Frei Betto foi muito particular. Senti que teria de me aproximar dele pela palavra. Ela foi a porta para que eu entrasse nesse mundo de dor e, apesar de tudo, de esperança.”

³⁷ Confira a edição 194 sob o título *A paixão*, tratando do tema da Paixão de Cristo e do filme de Mel Gibson. A revista se encontra disponível para download no sitio do IHU- www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

Para construir a memória de uma nação

Luiz Zanin Oricchio comenta o filme no para o jornal Estado de São Paulo do dia 19-04-2007. “Filme evoca a resistência à ditadura e o sacrifício do frade dominicano Tito Alencar”.

Quem quiser voltar à História encontrará problemas e Helvécio Ratton não será exceção à regra. Por “problemas”, entenda-se aqui resistências, em especial em relação ao tema abordado e à forma como o realizou. Quanto à temática, existe um sentimento de que “tudo aquilo é coisa do passado” e, então, melhor não mexer muito em vespeiro. Ora, nada mais equivocado, mesmo porque estamos todos nós, queiramos ou não, saibamos ou não, mergulhados na História. Desconhecê-la, então, seria desconhecermos aquilo que nos forma e conforma.

Então, deveríamos ser gratos a quem nos lembre que houve uma ditadura militar neste país, da reação armada a ela, e que, em certo momento, até mesmo setores da Igreja se engajaram nessa resistência. Saber que no Brasil viveu gente como frei Tito Alencar (Caio Blat), que entregou sua vida sem nada obter em troca, sem vislumbrar qualquer vantagem pessoal com o risco, testemunha a existência de uma outra ética, de um outro tempo, que já não é o nosso. São biografias e fatos assim que deveriam nos dar consistência como nação, no caso de estarmos ainda em busca disso.

Esse é um ponto. O outro é que todo mundo tem direito a gostar ou não de um filme. *Batismo de sangue* foi criticado por motivos contraditórios: por excesso de realismo ou por carência dele. Há quem diga que personagens e situações são inconsistentes e, na mesma argumentação, se queixe de que as cenas de tortura seriam realistas demais, no limite da “obscenidade”. São cenas duras, é verdade, mas para sobreviventes dos porões da ditadura, dos DOI-Codi da vida, parecem até amenas. Sempre se poderá dizer que essa é uma consideração extra cinematográfica e vale o que está na tela, nada além disso. Certo, mas talvez a vida valha alguma coisa e o cinema faça parte dela.

São escolhas. Mas, mesmo quem sofre da síndrome da *Rosa púrpura do Cairo* poderá apreciar na segunda parte do filme a solene progressão de Tito rumo ao seu destino. Um destino não escolhido por ele, mas por uma circunstância trágica da História.

Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias do Dia do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

ENTREVISTAS ESPECIAIS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU) DE 18-06-2007 A 24-06-2007

Uma discussão sobre os transgênicos

Luciana di Ciero e Francisco Milanez

Confira nas *Notícias do Dia* 19-06-2007

Luciana di Ciero, professora da USP, e Francisco Milanez, da Agapan, falam sobre um dos assuntos mais polêmicos atualmente: transgenia, técnica de engenharia genética que mistura aos diferentes organismos materiais genéticos de outros organismos.

A invenção do Brasil

Evaristo Eduardo de Miranda

Confira nas *Notícias do Dia* 20-06-2007

O doutor em ecologia Evaristo Eduardo de Miranda fala das ações que o ecossistema brasileiro vivia antes do descobrimento, da afirmação de que a Amazônia não era intocada até o ano 1500 e dos benefícios que os europeus trouxeram à fauna e flora brasileira.

“Nossa tarefa é massificar a luta pela Reforma Agrária”

Jaime Amorim

Confira nas *Notícias do Dia* 21-06-2007

Jaime Amorim, do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, faz uma análise do 5º Congresso Nacional do MST, encerrado no último dia 15 de junho.

Sacrifício de animais nas universidades

Róber Freitas Bachinski, Maria Luiza Nunes e Martin Sander

Confira nas *Notícias do Dia* 22-06-2007

O sacrifício de animais utilizados como cobaias nos diversos cursos da área da saúde das universidades brasileiras é o tema de uma conversa com o estudante de biologia da UFRGS, Róber Freitas Bachinski, que recorreu à justiça e obteve o direito de cursar as disciplinas do seu curso sem sacrificar ou dissecar qualquer animal. Dão sua posição também a presidente do Movimento Gaúcho de Defesa Animal, Maria Luiza Nunes, e o professor da Unisinos, Martin Sander.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM PUBLICADOS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

Clima - O Brasil na contramão

José Goldemberg

Confira nas *Notícias do Dia* 18-06-2007

Em artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, 18-06-2007, o ex-secretário especial do Meio Ambiente José Goldemberg fala sobre desenvolvimento sustentável, ao comentar a afirmação do presidente Lula na reunião do G-8: “Os países em desenvolvimento têm o direito de crescer como os ricos cresceram”, isto é, têm o “direito de poluir”.

“Que continuem a luta de João Pedro e a minha”

Elizabeth Teixeira

Confira nas *Notícias do Dia* 20-06-2007

Durante o V Congresso Nacional do MST, Elizabeth Teixeira, de 82 anos, mãe de 11 filhos, integrante da Ligas Camponesas, falou de sua luta e de seu marido, João Pedro Teixeira, fundador das Ligas na cidade de Sapé, na Paraíba. Em comovente entrevista, publicada no site do MST, no dia 14-06-2007, a Elizabeth conta os percalços que tiraram a vida do esposo e de cinco filhos em razão da luta camponesa.

Congresso do MST. A via corintiana para o socialismo

César Felício

Confira nas *Notícias do Dia* 20-06-2007

César Felício, jornalista, em artigo publicado no jornal *Valor*, no dia 20-06-2007, comenta o 5º Congresso do MST.

“A China necessita de um socialismo ecológico”

Dale Wen

Confira nas *Notícias do Dia* 21-06-2007

O filipino Walden Bello, um dos mais reconhecidos ativistas contra o neoliberalismo e o livre comércio, entrevistou a ambientalista chinesa Dale Wen, em entrevista publicada no sítio *La Haine*, em 19-06-2007.

Wen ainda sonha com uma alternativa que combine a justiça social e a sustentabilidade ecológica.

A propósito de um novo humanismo

Salvador Pániker

Confira nas *Notícias do Dia* 21-06-2007

Para o filósofo e escritor Salvador Pániker, em artigo publicado no jornal *El País*, no dia 18-06-2007, o novo humanismo deve questionar a lógica “analítica” da modernidade, segundo a qual se acreditava que tudo era absolutamente inteligível. Para ele, o enciclopedismo já não é mais possível, mas sim a “transdisciplinaridade”, que, sem buscar um princípio unitário de todos os conhecimentos, aspira a uma comunicação entre as disciplinas sobre a base de um pensamento “complexo”.

O Vaticano e o uso do automóvel

Maria Inês Nassif

Confira nas *Notícias do Dia* 21-06-2007

A jornalista Maria Inês Nassif, em artigo publicado no jornal *Valor*, no dia 21-06-2007, escreve sobre a rígida postura do Vaticano em relação ao comportamento dos fiéis a partir do recente lançamento das “Orientações para a Pastoral da estrada”.

A classe operária depois do paraíso

José de Souza Martins

Confira nas *Notícias do Dia* 22-06-2007

O professor José de Souza Martins, do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP), analisa, em artigo publicado no jornal *Valor*, no dia 22-06-2007, a classe operária brasileira.

Francisco de Assis, santo irregular**Chiara Frugoni**Confira nas *Notícias do Dia* 22-06-2007

Chiara Frugoni, uma das maiores especialistas na vida de Francisco de Assis, concedeu uma entrevista ao jornal *La Repubblica*, no dia 21-06-2007, a partir da afirmação de Bento XVI de não transformá-lo num mero contestador e militante ecológico.

Pegada ecológica e social**Leonardo Boff**Confira nas *Notícias do Dia* 22-06-2007

O teólogo Leonardo Boff reflete sobre o clima em artigo publicado pela *Agência Carta Maior*, no dia 21-06-2007. Segundo ele, para cada pessoa viver, é necessário uma pegada ecológica média geral (2,8

hectares). “Mas Europa, EUA, Japão, Índia e China vivem muito acima daquilo que lhes é permitido por seus recursos ecológicos, com uma pegada que chega a 600%”. E pergunta: o Planeta suportará?

Transposição do Rio São Francisco. Ouvidos moucos à beira do rio**Washington Novaes**Confira nas *Notícias do Dia* 22-06-2007

Washington Novaes, jornalista, em artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, no dia 22-06-2007, lamenta que as críticas e os protestos contra a transposição do Rio São Francisco não foram ouvidos pelo governo Lula.

Frases da Semana

SÍNTESE DAS FRASES PUBLICADAS DIARIAMENTE NAS *NOTÍCIAS DO DIA* NO SÍTIO DO IHU.**O entusiasmo de Lula**

“Hoje, eu posso dizer ao povo brasileiro, com muita tranquilidade, mesmo àqueles que são pessimistas ou mesmo àqueles que querem torcer contra o governo - porque a verdade é que tem gente que gosta que as coisas não dêem certo para poderem dizer que têm razão -, que o Brasil vive o seu melhor momento desde que a República foi proclamada [em 1889]” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *Folha de S. Paulo*, 19-06-2007.

“Segundo Lula, ‘o Brasil vive seu melhor momento desde que a República foi proclamada’. Isso quer dizer o seguinte: isso aqui nunca foi bom!” - **Tutty Vasques**, humorista - *NoMínimo*, 19-06-2007.

Magnanimidade

“Ao convocar-me para essa tarefa, o senhor demonstrou magnanimidade. Critiquei com veemência e combati com ardor o seu primeiro governo. A magnanimidade tem duas raízes: grandeza interior e preocupação com o futuro” - **Roberto Mangabeira Unger** ao tomar posse como ministro da Secretaria de Planejamento de Longo Prazo - *O Estado de S. Paulo*, 20-06-2007.

“Agora o Brasil pode ficar de pé, por força da reunião de duas circunstâncias: a primeira é que o País não está mais de joelhos diante do dinheiro de fora. A segunda é que na eleição o povo pobre e trabalhador não deixou que lhe formassem o juízo” - **Roberto Mangabeira Unger** ao tomar posse como ministro da Secretaria de

Planejamento de Longo Prazo - *O Estado de S. Paulo*, 20-06-2007.

"A posse de Roberto Mangabeira Unger na Secretaria de Planejamento de Longo Prazo é reveladora da consistência da crítica ao poder feita pelos intelectuais no Brasil. Por um prato, embora generoso, de lentilhas, alguns deles renegam idéias recentemente defendidas publicamente. Oportunistas e arrivistas, tais intelectuais julgam que o povo é estulto e desmemoriado" - **Caio N. de Toledo**, no Painel do Leitor - *Folha de S. Paulo*, 21-6-2007.

"Mangabeira passou do magnicídio ao elogio da magnanimidade presidencial" - **Fernando Ferro**, deputado federal pelo PT-PE sobre Mangabeira Unger, que após classificar o governo Lula como "o mais corrupto da história", em 2005, fez questão de destacar em sua posse na Secretaria de Planejamento de Longo Prazo a "magnanimidade" do presidente - *Folha de S. Paulo*, 22-06-2007.

Renan e Mônica

"O problema é que quase todos os senadores têm sua Mônica e seu Zuleido" - um senador nordestino veterano em política, segundo **André Petry**, jornalista - *Veja*, 2-06-2007.

"Defesa de Renan Calheiros alega agora que, além dos bois do senador, amigos fizeram vaquinha para pagar pensão alimentícia de sua filha. Entendeu?" - **Tutty Vasques**, humorista - *NoMínimo*, 22-06-2007.

"Não sei como meu marido caiu nessa... Homem é mesmo muito besta!" - **Maria Verônica Calheiros**, esposa de Renan Calheiros - *O Estado de S. Paulo*, 24-06-2007.

"Renan parece ouvir uma voz íntima que diz 'Por que eu?', se tantos fazem o mesmo ou pior" - **Renato Lessa**, cientista político - *O Estado de S. Paulo*, 24-06-2007.

"Renan parece ouvir uma voz íntima que diz 'Por que eu?', se tantos fazem o mesmo ou pior" - **Renato Lessa**, cientista político - *O Estado de S. Paulo*, 24-06-2007.

"Sabe por que o Calheiros não quer mais pagar pensão pra Monica Velloso? Porque a carne é fraca, mas o coxão é duro" - **José Simão**, humorista - *Folha de S. Paulo*, 24-06-2007.

"O Ministério da Saúde adverte: 'Não usar camisinha provoca pagamento de pensão'" - **José Simão**, humorista - *Folha de S. Paulo*, 24-06-2007.

"Sabe como o Calheiros convoca as testemunhas de defesa? Com um berrante! BUUUUU!" - **José Simão**, humorista - *Folha de S. Paulo*, 24-06-2007.

Relaxa

"As TVs do aeroporto de Congonhas exibiam, no sábado - quando vôos atrasaram mais de três horas-, as notícias da semana. A última delas: 'Ministra Marta Suplicy lamenta frase 'Relaxa e goza' sobre caos aéreo'. Em seguida, entrava no ar o comercial do Viagra" - **Mônica Bergamo**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 20-06-2007.

"Vou pro aeroporto pegar um orgasmo aéreo! E ainda pega um vôo com escala, pra ter orgasmos múltiplos!" - **José Simão**, humorista - *Folha de S. Paulo*, 21-06-2007.

"Há aumento do fluxo de tráfego [aéreo]. É a prosperidade do país, mais gente viajando, mais aviões nas rotas" - **Guido Mantega**, ministro da Fazenda, ao explicar o caos nos aeroportos - *Folha de S. Paulo*, 22-06-2007.

Crise e mérito

“A grande guinada estratégica é que o governo entrou na crise, nove meses atrás, anunciando negociação, paciência e desmilitarização do setor, conforme exigiam os líderes do movimento. Chega ao final fazendo o oposto: sem negociar, baixando o pau e aprofundando a militarização no tráfego aéreo” - **Eliane Cantanhêde**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 24-06-2007.

“A Aeronáutica debelou a crise, o ministro da Defesa evaporou e Lula vai capitalizar o sucesso. Quando há crise, a culpa é dos outros. Quando dá certo, o mérito é do Lula” - **Eliane Cantanhêde**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 24-06-2007.

Velho Mercosul

“Se não há vontade de mudança, tampouco estamos muito interessados no velho Mercosul” - **Hugo Chávez**, presidente da Venezuela - *Folha de S. Paulo*, 21-06-2007.

“Nunca viram com bons olhos nossa incorporação a um novo Mercosul. A direita, as oligarquias sul-americanas, não querem a voz da Venezuela, que é a voz dos povos, dos excluídos, a voz que busca um processo de integração novo, em direção à justiça social” - **Hugo Chávez**, presidente da Venezuela - *Folha de S. Paulo*, 21-06-2007.

Hospital público

“Greve de servidor acaba sendo contra a população. Ninguém vê ministro ou deputado usando hospital público” - **Paulo Bernardo**, ministro do Planejamento - *Folha de S. Paulo*, 22-06-2007.

Fátima Bernardes

“Não acontece só com a gente, não! Nauseada com o noticiário, Fátima Bernardes precisou deixar o ‘Jornal Nacional’ no meio da edição de quarta-feira. Nós, pelo menos, podemos mudar de canal” - **Tutty Vasques**, humorista - *NoMínimo*, 22-06-2007.

Futebol trágico

“O jogador argentino é melhor, mas o brasileiro é tecnicamente mais dotado. Tem uma relação totalmente distinta com a pelota. Nós a usamos mais para conseguir o objetivo, eles como prazer pessoal. E isso tem que ver com a vida, com a forma de ser. Para nós, o futebol é trágico, para eles, não” - **Roberto Perfumo**, zagueiro argentino citado por **Juca Kfourri**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 24-06-2007.

Análise de Conjuntura

A página do IHU - www.unisinos.br/ihu - publica diariamente, durante os sete dias da semana, as Notícias Diárias e a Entrevista do dia.

É um serviço disponibilizado para quem se interessa em acompanhar os principais fatos e acontecimentos políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais e religiosos da contemporaneidade.

A partir desse serviço, o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, parceiro estratégico do IHU, elabora uma análise de conjuntura, em fina sintonia com a missão e as linhas estratégicas do IHU, elaborados no Gênese, Missão e Rotas, disponível na página do Instituto.

A última análise é do dia 20-06-2007 e pode ser acessada no endereço www.unisinos.br/ihu

A próxima análise estará disponível no final da tarde de terça-feira e será comunicada na newsletter enviada aos cadastrados na quarta-feira.

Para se cadastrar na página do IHU clique no item IHU por e-mail

Eventos

Agenda da semana

A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DOS EVENTOS PODE SER CONFERIDA NO SÍTIO DO IHU - WWW.UNISINOS.BR/IHU

Dia 25-06-2007

Exibição dos filmes: *O céu de Suely*, de Karim Aïnouz (longa-metragem), e *Polifonia*, de Diogo Dahl (curta-metragem)

Profa. Dra. Stela Meneghel - Unisinos

Cinema BR em Movimento

Sala 1G119 - IHU - 8h30min às 12h

Dia 26-06-2007

Palestra de encerramento *Insurreição escrava, religiosidade e etnicidade*

Prof. Dr. João José Reis - UFBA

Interpretações do Brasil: dos clássicos às novas abordagens

Sala 1G119 - IHU - 19h30min às 22h15min

Dia 28-06-2007

Ficção e História em *O retrato*, de Erico Verissimo

Prof. Dra. Célia Doris Becker

IHU Idéias

Sala 1G119 - IHU - 17h30min às 19h

Dia 30-06-2007

Exibição do filme *Quanto vale ou é por quilo?* de Sérgio Bianchi

Profa. Dra. Vera Haas - Unisinos

História do Brasil e Cinema II: Índios e Negros - Leitura e imagens no cinema brasileiro

Sala 1G119 - IHU - 8h30min às 12h

Corpo como mercadoria. O céu de Suely

ENTREVISTA COM STELA MENEGHEL

“A história de Hermila/Suely retrata a desigualdade, a falta de perspectiva, o desemprego, o desespero dos despossuídos que se valem de qualquer coisa, inclusive de si mesmos, na busca de uma saída”, afirma a professora Stela Meneghel em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line, comentando o filme O céu de Suely, de Karim Aïnouz. O filme será exibido no próximo dia 25-06-2007, no IHU, em parceria com o projeto Cinema BR em Movimento. O debate posterior será conduzido pela professora Stela, que integra o PPG em Saúde Coletiva da Unisinos.

IHU On-Line - De que maneira O Céu de Suely ajuda a contar a saga dos retirantes que acabam tendo que voltar ao local de origem?

Stela Meneghel - O filme, segundo longa-metragem do diretor cearense Karim Aïnouz, conta a história de Hermila, uma jovem nordestina, que após fugir de casa com o namorado, rumo ao sul maravilha, volta à cidade natal com o filho Mateus. Os planos são esperar o namorado e montar um negócio de CDs e filmes pirata. A cidade é Iguatu, a 400 quilômetros de Fortaleza, onde ela reencontra a família. Certamente, o diretor aborda o tema da volta ao local de origem e Iguatu poderia ser qualquer cidade interiorana brasileira, com uma pirâmide populacional onde predominam as mulheres, já que os homens migraram em busca de trabalho e melhores condições de vida, e restam apenas as mulheres, as crianças e os velhos. A família de Hermila é típica desta nova estrutura de famílias monoparentais, chefiadas por mulheres, mas também é assim a família do namorado, da qual só aparece a sogra, interpretada pela atriz Marcela Cartaxo, que também vive sozinha. Karim faz um filme em que os personagens principais são mulheres, e os homens são figuras secundárias, quase sombras. O único homem que faz um papel mais incisivo é João, antigo namorado de Hermila. “João, que poderia

ser uma solução”, não oferece nada de novo à Hermila, apenas a repetição do velho esquema machista e tradicional.

IHU On-Line - Qual é a principal riqueza do filme? O que motiva Hermila a reinventar a sua vida?

Stela Meneghel - Acho que, ao centrar o filme nas personagens femininas, Karim busca trazer um aporte novo, ou as estratégias de resistência que as mulheres inventam para sobreviver. Mostra mulheres que dão duro em trabalhos precários, como é o caso de 50% da população brasileira. A tia é motorista de moto-táxi, a amiga é prostituta, a avó sai para trabalhar (faxina?), Hermila vende rifa. Elas ocupam os espaços dos ambulantes, dos camelôs, nas feiras onde se vende roupa, comida, cd pirata, prato feito, perfume barato. Em Iguatu, todos se viram. Nos mercados, nos botecos, nos bailões, no forró, na prostituição, na droga, o limite entre o lícito e o ilícito é muito sutil. Tudo é falso e autêntico. Tudo é comércio e pirataria e termina “assimilado sincreticamente na antropofagia nordestina”, diz o próprio Karim. Hermila vende rifa de uísque enquanto espera o namorado. Ao se dar conta de que ele não virá e no estranhamento com a Iguatu, agora sem perspectivas, Hermila decide rifar-se para poder

comprar a passagem de volta. Agora é Suely, que promete uma noite no paraíso. Naturalmente. Ora, o corpo da mulher não é uma das mercadorias mais usadas nas relações de troca capitalistas? Por meio dele, não se vende margarina, felicidade, álcool, bugigangas, ilusões? Portanto, quando Hermila rifa a si mesma, atende aos ditames de sua época - de que seu corpo pode se transformar em mercadoria. A história de Hermila/Suely retrata a desigualdade, a falta de perspectiva, o desemprego, o desespero dos despossuídos que se valem de qualquer coisa, inclusive de si mesmos, na busca de uma saída. Não traz soluções nem admoestações morais, mas faz com que cada um de nós, por meio da identificação com estes personagens, consiga perceber a realidade em que vivemos, ou seja, o quanto as desigualdades de classe social e de gênero estão presentes nas Iguatus de todo o Brasil.

***IHU On-Line* - Qual é o motivo de escolher uma retirante mulher? A figura feminina tem mais facilidade de reconstruir a vida, sem amargura, e com mais alegria do que os homens?**

Stela Meneghel - Como coloquei anteriormente, acredito que Karim fez um filme sobre mulheres para enfatizar as estratégias de resistência que elas inventam no cotidiano. Há um texto de uma feminista afro-americana que diz da visão dual que as mulheres têm, assim como os oprimidos, que possuem uma característica de aproveitar tudo, de não desprezar nada, nem as sobras, nem as sucatas, nem os restos. Este aspecto aparece na culinária, quando as mulheres pobres, as mulheres negras, usavam (usam) alimentos ou partes de alimentos consideradas pouco nobres, obtendo resultados fantásticos. No site oficial do filme, há uma carta do roteirista que fala dessa mistura surpreendente que é a comida nordestina, com muita coisa moída e não identificada (certamente o mais barato) e disfarçada com molhos, condimentos, cores, odores. Não sei se as

mulheres enfrentam a vida com mais alegria que os homens. Há homens e mulheres alegres e tristes. Mas os homens estão na posição dominante há séculos, e pode ser mais difícil para eles dar a volta por cima. Estudos têm observado que muitos homens, frente à precariedade do trabalho e ao desemprego, abandonam mulheres e filhos, sobrecarregando-as ainda mais. Na realidade, é o que faz Mateus no filme, com a aprovação da mãe: “Meu filho só tem 20 anos”.

***IHU On-Line* - Por que ela continua com o sonho de ir embora? Como é o coração de Hermila?**

Stela Meneghel - Bem, Iguatu é a cidadezinha natal. As mulheres da família acolhem Hermila, oferecendo o que têm de melhor (a velha hospitalidade nordestina). Ela encontra um amigo e inicia uma outra relação amorosa. As pessoas dançam e se divertem em bares, forrós, na rua. Música, cores, alegria, festa. Parece que teremos um final feliz, mas... Acho que o diretor quis mostrar que este idílico lugar natal não existe. Ali não há trabalho e nem perspectivas de uma vida digna. Por trás da aparência alegre, despojada, informal, as pessoas mostram-se conservadoras e moralistas. As mulheres, a princípio, acolhedoras e afetuosas viram umas feras, ao saberem que Hermila estava “se rifando” e colocando em risco a fidelidade de “seus homens”.

Este é o dilema do retorno do migrante. Ele já não é mesmo e o local de origem já não lhe basta, deixando-o em um “não-lugar”. Transforma-se num estrangeiro em local de exílio e estrangeiro em sua própria terra. Achei muito interessante a saída que Karim encontrou para esse impasse: Hermila não fica em Iguatu, mas também não volta para São Paulo: ela vai de ônibus, sob o céu de Suely, procurar algum lugar, o seu lugar.

***IHU On-Line* - Qual é a importância de exibir essas obras em um ambiente acadêmico/ universitário?**

Stela Meneghel - Acredito que a linguagem

cinematográfica traz uma riqueza muito grande ao debate acadêmico. Os filmes são um recurso excelente ao ensino, ajudando a problematizar os mais diversos temas e a trazer novas luzes para questões controversas e polêmicas. O projeto *Cinema BR em Movimento* disponibiliza para a Universidade uma seleção de filmes brasileiros focados em temas atuais, complexos e, de uma certa maneira, universais. Desta maneira, reconhece a “cultura e o audiovisual nacional, como dispositivos para a educação e a transformação social,

estimulando o fortalecimento de imaginários, subjetividades e identidades brasileiras”.

Ficção e História em *O retrato*, de Erico Verissimo

ENTREVISTA COM CELIA DORIS BECKER

Em 2005, Erico Verissimo foi tema do Seminário Erico Verissimo: vida, obra e atualidade, realizado na Unisinos, como promoção do IHU, no período de 12 a 14 de setembro. Naquele mesmo ano, a revista IHU On-Line número 154, dedicou a ele o tema de capa. Pois Erico Verissimo novamente é tema de debate. Desta vez, será no evento IHU Idéias da próxima quinta-feira, dia 28-6-2007. Na ocasião, a Prof. Dra. Célia Doris Becker, das Ciências da Comunicação da Unisinos, apresentará o tema “Ficção e História em O retrato, de Erico Verissimo”. Para adiantar aos leitores e leitoras da IHU On-Line a abordagem que ela fará no debate da próxima quinta-feira, Célia Doris conversou com a redação da IHU On-Line por telefone e concedeu a entrevista que segue. A obra O retrato é tema de sua tese de doutorado em Teoria Literária, defendida na PUCRS. Confira também outra entrevista concedida por ela sobre Verissimo na edição número 154, de setembro de 2005, sob o título Personagens de Erico revelam a psicologia do homem e da mulher do Sul.

IHU On-Line - Como se entrelaçam a história e a ficção em *O retrato*?

Célia Doris Becker - Em termos de relacionamento entre esses dois campos do conhecimento, existe um casamento quase que perfeito, porque percebemos que Erico Verissimo, como em todo romance histórico, situa as personagens e os eventos fictícios dentro de um contexto com fatos reais. No caso, estamos diante de um contexto que abrange os 15 primeiros anos do século XX. O leitor percebe tudo o que marcou esse início de século e, dentro desse panorama, Erico insere a família Terra Cambará, em especial o Dr. Rodrigo Cambará, que volta de Porto Alegre para Santa Fé, já com o diploma de médico. No contexto histórico que ele organiza nesse pano de fundo, entra a ficção. Por outro lado, não existe apenas a questão do contexto, de um determinado tempo, mas percebemos que alguns eventos históricos têm a participação das personagens. Então, todas aquelas questões relacionadas com a política (as eleições fraudulentas, a campanha civilista) têm a participação das personagens. Quando um escritor cria essa unidade de tempo/espaço/história e ficção, existe um livre trânsito das personagens no campo histórico e, inclusive, personalidades históricas se ficcionalizam, à medida que entram na história da família Terra Cambará, o que é o caso, por exemplo, do senador Pinheiro Machado, que é um sujeito histórico importantíssimo destes primeiros anos do século XX, e que vai ao encontro da família Cambará, em Santa Fé. Então, percebemos que o Dr. Rodrigo assume um papel importante dentro da história do momento, enquanto uma personalidade histórica pende para o lado da ficção. É aí que se cria esse diálogo tão bonito entre história e literatura.

IHU On-Line - Qual é a importância de *O retrato* dentro da trilogia *O tempo e o vento*?

Célia Doris Becker - Eu encontrei dentro da crítica feita a essa parte de *O tempo e o vento* um artigo de

Sérgio Buarque de Holanda¹, que comentava o fato de haver ocorrido uma mudança do tom que predominava em *O continente* para o tom que predomina na parte de *O retrato*. Todas aquelas ações épicas e movimentadas, percebidas em *O continente*, que é realmente uma retrospectiva dos primeiros anos da formação do Rio Grande, são quebradas, até porque Erico muda de direção e se centraliza em uma personagem, que vai encarnar a formação do caudilho, dentro da política, aquele que sai da posição de estancieiro e vai atuar na política, que é justamente Dr. Rodrigo. A crítica tem batido muito em cima disso e *O retrato* não tem tido aquela abordagem exaustiva e rica, pródiga, porque muda o ritmo. O maior número de trabalhos que se encontra, entre dissertações, teses, ensaios, críticas, relaciona-se com a primeira parte de *O tempo e o vento*, que realmente é a mais dinâmica, mais movimentada, a mais colorida. Eu fui incentivada a pesquisar *O retrato* porque me incomodava esse posicionamento dos críticos e queria saber por que, afinal, acontecia isso. Depois, quando li um artigo de Luis Fernando Verissimo², em que ele dizia que a obra de Erico não tinha sido suficientemente explorada em relação à carpintaria que o autor tinha utilizado, eu juntei esses dois aspectos e decidi pesquisar essa parte. E foi por meio disso que

¹ Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982): historiador brasileiro, também crítico literário e jornalista. Entre outros, escreveu *Raízes do Brasil*, de 1936. Obteve notoriedade através do conceito de “homem cordial”, examinado nessa obra. A professora Dr.^a Eliane Fleck, do PPG em História da Unisinos, apresentou, no evento *IHU Idéias*, de 22 de agosto de 2002, o tema “O homem cordial: Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda” e, no dia 8 de maio de 2003, a professora apresentou essa mesma obra no *Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, concedendo, nessa oportunidade, uma entrevista a *IHU On-Line*, publicada na edição nº 58, de 5 de maio de 2003. A matéria de capa da edição número 205 da *IHU On-Line*, de 20-11-2006, foi dedicada à obra *Raízes do Brasil*. (Nota da *IHU On-Line*)

² Luis Fernando Verissimo (1936): escritor gaúcho, filho de Erico Verissimo. É também jornalista, publicitário, humorista, cronista, cartunista e tradutor. Concedeu entrevista à *IHU On-Line* número 154, de 05-09-2005. (Nota da *IHU On-Line*)

nasceu o interesse pelo *Retrato*. Não se encontra material sobre essa parte de *O tempo e o vento*, a não ser comentários, artigos, ensaios. Eu não encontrei em nenhuma das minhas investidas, dentro desse campo da crítica, uma tese que se voltasse sobre *O retrato*. E a minha tem essa preocupação de mostrar que existem outros elementos que não só aqueles que predominam lá em *O continente*, e que merecem atenção. E essa é uma parte muito complicada, pelo menos dentro da visão que eu tive, das leituras que fiz sobre a história. É uma época muito conturbada da vida nacional. O Brasil recém estava entrando no sistema republicano e as coisas estavam muito mal organizadas.

IHU On-Line - Qual a principal riqueza de *O retrato*?

Célia Doris Becker - A riqueza é a exploração dos aspectos psicológicos que, na visão de Erico, cunharam a personalidade dos caudilhos. Muitos críticos dizem que encontram justificativas de que o Dr. Rodrigo representa, na verdade, Getúlio Vargas. Existe toda essa importância na medida em que essa figura histórica vai ter um destaque muito grande na década de 1930.

IHU On-Line - Em entrevista concedida à nossa revista, a senhora afirmou que os personagens de Erico revelam a psicologia das pessoas do Sul. Como isso aparece em *O retrato*?

Célia Doris Becker - Temos uma diversidade de personagens criadas por ele. O Dr. Rodrigo é uma personagem carismática, pela forma como ele se relaciona com as pessoas: ele encanta, tem o dom de saber conversar, é um intelectual refinado e possui toda uma educação na capital. Ele vai representar aquele lado sofisticado da família. Por outro lado, temos o Toríbio, irmão dele, que não tem essa vivência de estudos. Ele gosta de ler livros de aventura, é esclarecido politicamente, mas não tem aquele “trato” do Dr. Rodrigo. Existe um contraste, que percebemos nessa fase

da história do Rio Grande, entre o homem do campo e o homem que tem algumas luzes a mais. Existem, pelo lado do Rodrigo, os amigos dele, que são também pessoas que têm conhecimento intelectual; e existem, pelo lado do Toríbio, outras personagens que estão diretamente ligadas ao campo e que representam aquela permanência do folclórico, do tradicional do homem do campo. Esses dois pólos centralizam essa questão. Vamos ter o Rodrigo, com idéias avançadas sobre a democracia, e vamos ter o Toríbio arraigado mais em valores do campo. Isto fica bem marcado na obra *O retrato*. Mas esse desfecho, sobre o que acontece com os dois, teremos só na terceira parte, que é *O arquipélago*. Quando eu trabalhei *O retrato*, tive que fazer um trânsito entre a primeira e a terceira parte, a fim de que houvesse uma sintonia que explicasse o contraponto que Erico põe na estrutura de *O retrato*. Quando lemos essa parte, percebemos que Erico começa situando a ação em 1945. No segundo capítulo, há uma volta para o início do século. Esse movimento apresenta uma diferença de 30 anos. E daí o leitor fica com um grande estranhamento, querendo saber o que aconteceu, pois, no primeiro capítulo de *O retrato*, Dr. Rodrigo está morrendo e no segundo capítulo ele volta para Santa Fé, jovem, pujante, cheio de idéias. O leitor se pergunta o que houve nessa lacuna de 30 anos que motivasse essa mudança de comportamento. Ele não é muito bem visto pelos cidadãos de Santa Fé no início do livro, sendo que no meio da narrativa ele era bem querido, tinha carisma. Então, nos perguntamos: o que foi que aconteceu? Isso só será respondido na terceira parte de *O tempo e o vento*.

IHU On-Line - Como a influência de João Simões Lopes Neto sobre Veríssimo se mostra na obra *O retrato*?

Célia Doris Becker - A influência de Simões Lopes Neto¹ aparece na personagem Fandango, na representação de todos os aspectos relacionados com o Toríbio, com o campo, porque o Toríbio adora viver no Angico, que é a propriedade rural deles, e nesse convívio é que notamos a presença de Simões Lopes Neto. Porém, isso já aparece em escala bem menor, porque na medida em que nos afastamos do *Continente*, e vamos entrando no *Retrato* e no *Arquipélago*, a presença dos elementos explorados pelo Simões Lopes Neto nos seus contos vai se esvaindo, até porque o Rio Grande muda, a história roda, a situação vai se modificando, há o aparecimento de cidades, que se modernizam. E essa parte vai ficando restrita só aos ambientes específicos do campo: Toríbio, seus peões, o Fandango; são eles que ainda mantêm alguns detalhes que podemos relacionar com Simões Lopes Neto.

IHU On-Line - Qual particularidade de Erico Verissimo existe na representação do imaginário e no uso do recurso metafórico em suas obras, em especial *O retrato*?

Célia Doris Becker - Essa questão metafórica é muito interessante. Dependendo da leitura que fazemos, atribuímos sentido ao que lemos. Acho muito interessante já pelo título: *O retrato*. A própria estrutura

¹ João Simões Lopes Neto (1865-1916): escritor gaúcho. A ele a revista *IHU On-Line* dedicou a edição 73, chamada *João Simões Lopes Neto: força da literatura brasileira e latino-americana*. O oitavo número dos *Cadernos IHU Idéias* é intitulado *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho*, de autoria da Prof^a Dr^a Márcia Lopes Duarte, professora do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos. A publicação tem como base a apresentação da professora no *IHU Idéias* de 4 de setembro de 2003. É possível conferir sobre o autor uma entrevista concedida por Márcia na *IHU On-Line* número 73, de 1º de setembro de 2003. Entre as principais obras do escritor, destacamos *Cancioneiro guasca* (1910), *Contos gauchescos* (1912), *Lendas do Sul* (1913), *Casos do Romualdo* e o primeiro volume de *Terra gaúcha*, estes dois últimos surgidos muito tempo após sua morte, em 1950. (Nota da *IHU On-Line*)

da obra é o retrato, a moldura é época de 1945. E a parte central é a chegada do Dr. Rodrigo até o ano de 1915. Esse é um primeiro elemento visual que podemos organizar a partir da leitura. Um outro elemento muito importante são os títulos dos capítulos que ele dá. Por exemplo, “Chantecler” e “Uma vela para o negrinho”. Quando ele fala em Chantecler, o leitor se pergunta pelo significado daquilo. Esse título estará diretamente relacionado com a cultura literária que o Erico possuía. Porque ele se inspira num autor francês, Rostand², que escreve uma peça chamada *Chantecler*, que está diretamente relacionada com aquela imagem vaidosa que o próprio Dr. Rodrigo tem de si. Erico relaciona o nome de um capítulo com as características de uma personagem. “Uma vela para o negrinho” é a mesma coisa. Nos perguntamos o que significa isso dentro desse contexto. É justamente a permanência da tradição em Maria Valéria, que vê a desintegração da família, e usa desse recurso: acender uma vela para o negrinho, a fim de que a família, que está toda fragmentada, encontre de novo um caminho. O leitor entra em contato com essa parte metafórica, relacionando o conteúdo do capítulo com o que diz o título. Mas é importante que também se reconheça nessa habilidade de manejo das figuras de linguagem, o conhecimento profundo que Erico tem da literatura universal e o conhecimento da literatura do seu torrão, que é o Rio Grande do Sul.

² Edmond Eugène Alexis Rostand (1868-1918): poeta francês. Estudou Direito, mas nunca exerceu a profissão, pois sua verdadeira paixão sempre fora a literatura. Na faculdade, freqüentava as rodas literárias, e foi aí que conheceu sua futura esposa, a poetisa Rosemonde Etienne Gérard, sua grande incentivadora. Sua obra mais importante é *Cyrano de Bergerac* (peça de teatro), inspirada na vida de Savinien de Cyrano de Bergerac, escritor francês contemporâneo de Molière e outros. Em 1990 a peça ganhou as telas do cinema, num filme protagonizado por Gérard Depardieu. (Nota da *IHU On-Line*)

“Cinema como arte que incita ao questionamento”: Quanto vale ou é por quilo?

ENTREVISTA COM VERA HAAS

Vera Haas possui graduação em Comunicação Social pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), onde, atualmente, é professora, e em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Também na UFRGS realizou o mestrado em Letras, área em que dá ênfase às Línguas Clássicas. Na entrevista, Vera discorre sobre o filme Quanto vale ou é por quilo?, do diretor Sérgio Bianchi, que será apresentado no dia 30 de junho, na sala 1G119, do Instituto Humanitas Unisinos. O roteiro do filme é baseado no conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis. A obra desenha um painel de duas épocas aparentemente distintas, mas, no fundo, semelhantes na manutenção de uma perversa dinâmica socioeconômica, embalada pela corrupção impune, pela violência e pelas enormes diferenças sociais. Vera Haas comenta, na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, a relação entre a escravidão e o marketing social apresentada no longa-metragem e o tema polêmico da solidariedade de fachada.

IHU On-Line - Qual é a riqueza de associar no mesmo filme o conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, e algumas crônicas de Nireu Cavalcanti sobre a escravidão?

Vera Haas - A riqueza é sempre a crônica, a recuperação do cotidiano, dos hábitos e dos valores da época. Aliás, pelo que conheço, essa é a grande contribuição de Nireu Cavalcanti no que se refere ao Rio de Janeiro.

IHU On-Line - Que relação podemos estabelecer, no filme, entre a escravidão do século XVIII e a dos tempos atuais (exclusão social)? Como se dá a analogia entre o antigo comércio de escravos e a exploração da miséria pelo marketing social?

Vera Haas - Resulta em um tratado de História, se tomarmos o aspecto da constituição das relações sociais, ou de Literatura, se tomarmos o aspecto

das representações da sociedade brasileira. Como meu *menu* refere-se mais às artes, fico com o viés da representação; o mais deixo aos historiadores. Embora a literatura possa denunciar ações sociais que a sociedade insiste em ocultar, ela o faz mediante criação ficcional, e esse aspecto não pode ser desconsiderado. Assim, refletindo sobre o conto de Machado de Assis e sobre a adaptação de Bianchi, penso que a relação proposta pelo cineasta, ao reunir as duas formas de exploração, acaba por apontar uma desigualdade social historicamente construída, mas sem dar a uma etnia o papel de vítima e a outra o papel de algoz, mas, ao contrário, problematizando a exploração em seus aspectos mais sutis e, talvez por isso mesmo, mais violentos. Aliás, essa era a tônica da obra machadiana, no que se refere à denúncia dos

caminhos que a sociedade brasileira escolheu ao fim dos oitocentos.

IHU On-Line - O que podemos entender por “solidariedade de fachada” e como isso aparece em Quanto vale ou é por quilo?

Vera Haas - Preciso comentar falando sobre essa expressão, tão popularizada hoje. Parece-me que a expressão “solidariedade de fachada” já está muito clichê. E isso pode ser um problema, pois as palavras ou expressões-clichês acabam por perder a força da denúncia. Aliás, não sei se essa expressão dá conta do que Bianchi e Machado fizeram... Se lermos afirmações feitas por dois grandes escritores da literatura brasileira (no momento, penso em *Instinto de nacionalidade*, de Machado de Assis, e na entrevista de Guimarães Rosa¹ a Lorenz), encontraremos ali a constatação de que o clichê e a palavra em seus usos mais comuns acabam por fragilizar a expressão estética e, conseqüentemente, por enfraquecer a força literária de um texto ficcional, inclusive no que se refere a conteúdos de denúncia social ou à problematização de questões de ordem ontológica. Por isso, o escritor deve depurar a palavra de seus

¹ João Guimarães Rosa (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las num realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os num discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, citamos: *Sagarana*, *Corpo de baile*, *Grande sertão: veredas*, considerada uma das principais obras da literatura brasileira, *Primeiras estórias* (1962) e *Tutaméia* (1967). A edição 178 da *IHU On-Line*, de 2 de maio de 2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título “Sertão é do tamanho do mundo”. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa. De 25 de abril a 25 de maio de 2006 o IHU promoveu o Seminário Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas. (Nota da *IHU On-Line*)

aspectos menos inusitados, de modo a não levantar simplesmente a face evidente do problema. Da mesma forma, também o cinema, quer por meio da condução da câmera, quer por meio de recursos como o cenário, a música e o filme, ou ainda pela composição narrativa resultante do processo de montagem, é uma arte que busca inovações para surpreender o seu público, de modo a libertá-lo de formas de apresentação recorrentes, já comuns e não mais impactantes. Só assim a narrativa fílmica atingirá a consciência crítica do público: por meio da provocação e renovação estética.

Bem, quanto à “solidariedade de fachada”, veja bem, não há solidariedade, certo? O filme apresenta personagens - atores sociais - preocupados em resolver sua vida particular, seus entraves cotidianos, mesmo que para isso precisem burlar a ética de modo despuddorado. Quanto à Arminda, há dois finais...

IHU On-Line - Conforme citação no site do filme, “Nem o marxismo, com suas leis históricas e categorias econômicas, nem as teses de Joaquim Nabuco ou Gilberto Freyre conseguiram explicar um fenômeno tão grande e complexo quanto a escravidão no Brasil”. Qual é a razão disso? Por que é tão difícil compreender esse processo cultural e histórico?

Vera Haas - Respondo essa questão considerando minha área de atuação, meu *menu*. Realmente, não sei quais seriam as ciências que dariam conta da análise de relações sociais constituídas a partir de nossa colonização, mas me pergunto se não precisamos da junção de várias ciências para pensar com clareza a formação social brasileira...

Bem, não é da competência da literatura a descrição exata de fatos da realidade nem a conceituação de estruturas sociais, mas, sim, a

sensibilização que provoca a reflexão. Parece-me que a literatura, por seu trabalho com imagens, dá conta da complexidade da escravidão e de relações sociais que mantém certo tipo de exploração pela natureza da imagem. Ou seja, a imagem literária apresenta, ao mesmo tempo, o bem e o mal, o certo e o errado. O que há de errado em um pai pobre, um homem com poucos recursos financeiros, amar profundamente seu filho e não medir esforços para não entregá-lo à Roda dos Enjeitados? Veja que não é uma questão de resposta fácil. E, se nos detivermos com atenção à narrativa de Machado, encontraremos muitas outras questões semelhantes a essa. Assim, ainda hoje, o aproveitamento que o cinema faz da literatura está relacionado a essa profundidade da imagem literária e à possibilidade de transformá-la em imagem na tela do cinema. Machado de Assis merece não uma simples releitura, mas uma ousada re-interpretação. Penso que Bianchi chega a isso, forjando seu cinema como arte que incita ao questionamento.

Hoje, parece-me que a Nova História vem utilizando a literatura como fonte de consulta que pode enriquecer a interpretação dos chamados fatos históricos. Mas, veja bem, como fonte, não como História. Acredito que esse procedimento esteja ligado ao reconhecimento da História como

forma de enunciação dos fatos e, paralelamente, contempla aqueles autores que, no afã de compreender as relações que a sociedade brasileira tem construído, elaboraram textos em que encontramos passagens que em nada devem à literatura, como é o caso de Gilberto Freyre¹.

¹ **Gilberto Freyre (1900-1987):** escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA) e o Prêmio Internacional La Madoninna, em 1969. Ainda recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Münster (Alemanha) e da Universidade Católica de Pernambuco. Sua produção literária é muito importante. Entre seus livros, citamos: *Casa grande & Senzala* e *Sobrados e mocambos*. O Prof. Dr. Mário Maestri, do PPG em História da Universidade de Passo Fundo (UPF), apresentou o segundo livro na programação do II Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido no dia 15 de abril de 2004, pelo IHU. Sua palestra originou o artigo publicado no *Cadernos IHU* número 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da casa-grande ao sobrado. Gênese e Dissolução do patriarcalismo escravista no Brasil. Algumas considerações*. (Nota da IHU On-Line)

Perfil Popular

Eva Elísia de Moura

Natural de Santa Cruz do Sul, interior do Rio Grande do Sul, Eva Elísia de Moura amadureceu cedo. Deixou os estudos na quinta série do Ensino Fundamental para trabalhar como doméstica. Aos 17 anos, casou-se e logo teve seu primeiro filho. Junto com a família, veio para São Leopoldo, na região metropolitana de Porto Alegre, onde encontrou trabalho e seu novo lar. Elisa, como gosta de ser chamada, hoje com 54 anos, desenvolve um trabalho importante como agente pastoral e é membro do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher (COMDIM), de São Leopoldo. Ela ainda planeja ser Promotora Legal Popular e trabalhar dentro dos presídios. Conheça um pouco mais de Elisa na entrevista a seguir.



Origens

No interior do município de Santa Cruz do Sul, Elisa deu seus primeiros passos. Perdeu o pai antes de completar dois anos e a família, composta por mais dois irmãos, mudou-se para Santa Cruz. “Viemos muito cedo para Santa Cruz, porque meu irmão estava doente. Ali eu cresci.” A mãe de Elisa criou a família com dificuldades, lavando roupas para fora. “Minha família era muito unida, sem brigas entre os filhos.” A família ainda contava com a ajuda dos vizinhos. “Tínhamos os vizinhos bem chegados, nos criamos como irmãos, muito na casa deles. Eles nos acolhiam.”

Estudos

Elisa estudou somente até a quinta série, na escola Professor Luiz Dourado, quando parou. “Parei porque tinha a necessidade de trabalhar.

Não era o que minha mãe queria, mas era o que eu queria.” Elisa estava crescendo e sentia a necessidade de ajudar a família. “Minha mãe não conseguia dar conta.”

Trabalho

A primeira experiência de Elisa foi como babá. Logo estranhou, pois ficava longe da família ao dormir no emprego. “Tinha muitas saudades da minha família.” Elisa chegou a fugir do serviço no meio da noite. “Saí à noite e fui correndo até a minha casa. Cheguei a desfazer a bainha do meu vestido de tanto correr.” Depois de quatro anos, Elisa foi para outra casa, onde não tinha a necessidade de passar a noite. “Terminava o serviço e ia embora. Fiquei ali até me casar.”

Família

Elisa conheceu o marido a caminho do trabalho. “Eu passava sempre pela frente do quartel onde ele trabalhava.” Numa tarde, Elisa encontrou o então amigo no centro da cidade. “Na época ele era noivo, e, após uns meses, começamos a namorar.” Casados, eles têm três filhos. Cristina tem 39 anos. Formada no magistério, trabalha em uma farmácia. O segundo, Ronaldo, tem hoje 35 anos. “Ficamos felizes, pois queríamos ter um casal.” Ronaldo está concluindo o supletivo e pretende cursar Enfermagem. Aos 28 anos, teve seu terceiro filho, Evelise, com 26 anos hoje. Ela se forma em Educação Física em 2008 e trabalha como professora.

Mudança

A família veio para São Leopoldo, logo após o nascimento do primeiro filho. “Viemos em função da profissão de meu marido: torneiro mecânico. Em Santa Cruz do Sul, a indústria que predomina é a do fumo e achamos melhor vir embora. Aqui já tinha muitas firmas reconhecidas.” Elisa conta que o início foi difícil. “Ficava sozinha à noite, quando meu marido trabalhava. Tinha sempre muito medo.” A família se estabeleceu no lugar onde moram atualmente, em São Leopoldo. “Estávamos em um lugar nosso, que era o que mais queríamos.”

Agente pastoral

Elisa tem uma grande caminhada dentro de sua comunidade. Começou como professora de Catequese e se envolveu cada vez mais com o trabalho da Igreja. Hoje, participa como coordenadora paroquial em uma Comunidade Eclesial de Base (CEB). “A CEB reúne diversas pastorais, e nela me envolvo em diversos trabalhos, como grupo de mulheres e agente pastoral. Eu

atendo a diversas pastorais dentro da minha paróquia, Beato José de Anchieta, na Vila Duque, em São Leopoldo, e também atendo na pastoral da sobriedade. Temos também um grupo de canto que anima as missas da igreja.” Elisa considera o trabalho uma grande alegria. “Já fui a encontros de comunidades de base em diversos lugares do Brasil. Estou organizando o encontro estadual, que acontecerá em Pelotas.”

COMDIM

Elisa ainda faz parte do COMDIM (Conselho Municipal dos Direitos da Mulher), de São Leopoldo, como representante das mulheres da Zona Sul da cidade. “Já participava do grupo da minha paróquia, o Violeta, há quatro anos.” Como membro, Elisa leva as informações sobre os grupos de mulheres que existem na região para o conselho. “Também trago notícias para os grupos locais. No final deste ano termina a minha gestão.”

Dificuldade

Com um lugar de destaque dentro de sua paróquia, Elisa enfrentou dificuldades. “Ocorreu uma perseguição por parte de alguns membros da comunidade, em razão de eu ter me destacado no meu trabalho pastoral. Começaram com fofocas e se chegou à discriminação racial. Vi que um negro, ainda mais mulher, não pode estar à frente de nada sem passar por isso.” Elisa travou uma batalha. Procurou a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana de Porto Alegre, onde uma advogada a ajudou na questão. “Eu acabei parando com o trabalho na Igreja. Entreguei os pontos.” Ao longo dos quatro anos em que ficou afastada, Elisa sempre foi convidada a voltar. “Comecei a ir aos poucos, tocava na missa e conheci um grande amigo, que hoje é padre, e que

adotou a mim e meu marido como pai e mãe. Fomos assistir a ordenação dele no Paraná. Assim, voltei ao trabalho.”

Alegria

Elisa considera sua maior alegria o dia em que foi empossada como membro do COMDIM. “O dia da posse eu nunca vou esquecer. Fui convidada e sou o único membro da Igreja Católica. A posse ocorreu na Câmara de Vereadores de São Leopoldo. Jamais pensei que isso iria acontecer.”

Plano

Elisa ainda sonha em fazer o curso de Promotora Legal Popular¹. “Quero trabalhar dentro dos presídios.”

¹**Promotora legal popular:** Promotoras Legais Populares é um projeto do Instituto Brasileiro de Advocacia Pública – IBAP, da União de Mulheres de São Paulo e do Movimento do Ministério Público Democrático, para desenvolver a cidadania e a igualdade de direitos. São aquelas que podem orientar, dar um conselho e promover a função instrumental do Direito na vida do dia a dia das mulheres. A proposta motora deste projeto são os cursos. Outras ações fazem parte do trabalho: acompanhamento de casos e da atuação prática das promotoras legais populares, seminários, debates complementares e o fortalecimento das campanhas contra a impunidade e pela criação do Juizado Especial para os Crimes de Violência de Gênero. (Nota da *IHU On-Line*)

Jairo Henrique Rogge

Natural de Taquara, interior do Rio Grande do Sul, Jairo Rogge tem na pesquisa o foco de seu trabalho. Começou como bolsista no Instituto Anchieta de Pesquisas, enquanto cursava Geologia. Depois de formado, ainda cursou o mestrado e o doutorado na área das Ciências Humanas, em História. Hoje, aos 42 anos, além de pesquisador da Unisinos, é professor na graduação e professor colaborador no PPG em História. Morador de São Leopoldo, Jairo aproveita suas horas livres lendo, assistindo a filmes em casa e tocando contrabaixo, que aprende há alguns anos. Conheça um pouco mais de Jairo Rogge na entrevista a seguir.

Origens

Nasci em Taquara, Rio Grande do Sul. Sou de uma família pequena, formada por meus pais e uma irmã mais nova. Minha mãe foi pedagoga em escolas de ensino



Fundamental e Médio e meu pai foi funcionário público federal. Ambos, hoje, estão aposentados.

Infância

Tive uma infância normal para uma criança no interior,

com muita liberdade, brincando na rua. Jogava futebol, corria, andava de bicicleta. Ainda hoje, Taquara é uma cidade tranqüila, onde se pode fazer esse tipo de atividade.

Estudos

Cursei o Ensino Fundamental no Colégio Santa Terezinha, dirigido por freiras e bastante conhecido na região. O Ensino Médio foi de técnico em eletrônica na Escola Monteiro Lobato. Mudei mais por meus amigos terem migrado para essa escola do que por aptidão na área. Não era um caminho que eu iria seguir. Fiz o curso de forma tranqüila, e tive um aprendizado interessante.

Trabalho

Depois de formado no Ensino Médio, minha primeira experiência de trabalho foi no SPC - Serviço de Proteção ao Crédito. Trabalhei nele por quase um ano. O trabalho não tinha relação com a minha formação em eletrônica nem com o que eu imaginava que iria fazer na minha carreira, mas foi um lugar onde aprendi a lidar diretamente com as pessoas e fiz muitas amizades.

Arqueologia

Desde pequeno, sempre tive uma atração muito grande pela Arqueologia. Em Taquara, encontra-se o Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul. Por meio de um amigo arqueólogo, comecei a fazer uma espécie de trabalho voluntário nesse museu, em 1984. Por meio do Museu Arqueológico, eu fiz meu primeiro trabalho de escavação, em 1985. Meu amigo arqueólogo do museu era bolsista no Instituto Anchietao de Pesquisas¹ na

¹ Instituto Anchietao de Pesquisas: tem sua atividade voltada à Pesquisa Arqueológica. Mantém, na Antiga Sede da Unisinos, o Museu Instituto Anchietao de Pesquisas, que divulga o trabalho do arqueólogo, além de aproximar o público dos conceitos culturais indígenas. Ali, são expostos artefatos e objetos de populações nativas americanas, principalmente as do Rio Grande do Sul, estátuas missionárias e imagens, livros, utensílios e altares sacros do século 19 e 20. A publicação *Cadernos IHU Idéias* com o tema *A Domesticação do*

Unisinos, e, por meio dele, conheci o Instituto e o Pe. Pedro Ignácio Schmitz². Nesse mesmo ano, comecei com uma bolsa de iniciação científica no Instituto Anchietao de Pesquisas.

Geologia

Nessa época, outro amigo, que estudava na Unisinos, falou-me do curso que ele fazia, Geologia, e isso me interessou. Através dele, conheci e iniciei a graduação no curso, na Unisinos.

Pesquisa

Passei a minha graduação como bolsista de iniciação científica. Depois de formado, em 1991, fui contratado pela Universidade, como funcionário e pesquisador no Instituto Anchietao de Pesquisas. Nessa época, comecei a cursar o mestrado, mas na área das Ciências Humanas, em História. Em 2000, comecei o doutorado, concluído em 2004, também em História. Todo o trabalho que fiz em pesquisa foi na Unisinos, tendo o Pe. Pedro Ignácio Schmitz como um grande mentor intelectual e companheiro.

Professor

Em 1996, comecei como professor na graduação em História da Unisinos. No começo, assustei-me um pouco por não ter muita experiência, mas tive um apoio fundamental do setor pedagógico. Hoje ainda leciono na

Exótico é apresentado pela docente do Instituto Paula Caleffi e se encontra disponível para download no sítio do IHU. (Nota da *IHU On-Line*)

²Pedro Ignácio Schmitz: professor e pesquisador no Instituto Anchietao de Pesquisas da Unisinos. É graduado em Geografia, História, Filosofia e Teologia e doutor em História. Trabalha, entre outros assuntos, com populações indígenas e missões religiosas na América Latina. Confira artigo de autoria dele na *IHU On-Line* 224, com o título **A missão: peripécias das reduções jesuíticas** e também a entrevista concedida na edição número 183, de 19-6-2006, intitulada **Os primeiros usos da araucária**. (Nota da *IHU On-Line*)

graduação em História, voltado mais para as áreas da Arqueologia, da História Antiga e um pouquinho de Pré-História da América. Desde 2006, faço parte do PPG em História da Unisinos, como professor colaborador.

Esportes

Eu costumava jogar futebol de salão com os alunos e amigos da Unisinos semanalmente. Faz dois anos que não faço isso, por falta de tempo.

Cinema

Assisto muito a filmes na televisão e DVDs. Prefiro os filmes que se convencionou chamar de *cult*. Gosto muito do cineasta russo Andrei Tarkovski¹: me fascina a filmografia dele. Outros diretores dos quais eu gosto são Stanley Kubrick e, mais recentemente, Quentin Tarantino.

Música

Gosto muito de escutar música. Há alguns anos, comecei a tocar e ter aulas de contrabaixo.

Futuro

No plano do trabalho, quero dar cada vez mais continuidade à pesquisa e à docência. No plano pessoal, tenho o sonho de que a pesquisa que fazemos da Pré-História do Brasil seja mais divulgada e conhecida pelas pessoas. Tentamos contribuir para esse conhecimento, fazendo com que o nosso trabalho signifique algo na sociedade brasileira moderna.

¹ Andrei Tarkovski (1932-1986): um dos mais criativos, inovadores e importantes cineastas advindos do cinema soviético. Seu cinema apresentava um caráter introspectivo, complexo e onde as questões humanas eram sempre colocadas em primeiro plano. Confira o *Cadernos de Teologia Pública* n° 26 com o tema *Última edição de um olhar teopoético. Teologia e cinema em O Sacrifício de Andrei Tarkovski*, disponível para download no sítio do IHU. (Nota da *IHU On-Line*)

Fé

Sou católico, mas pratico de um modo mais pessoal. Porém, uma vez por mês, às sextas-feiras, vou à missa que é celebrada na Antiga Sede da Unisinos.

Política

Tudo que estamos vendo em termos de corrupção na esfera política não é novo. Quem conhece um pouco da história do Brasil sabe que isso é quase que endêmico. A corrupção parece estar ligada ao “jeito” brasileiro. Vemos que no período colonial, no Império e na Primeira República isso sempre aconteceu. Estamos vendo, hoje, a continuidade de um processo muito mais longo e complexo do que parece. Isso não significa que devemos assistir a isso de forma impassível, correndo o risco de banalizar o problema. De alguma forma, é necessário tratar essa “doença”, e o remédio parece-me que deve vir de certos setores e movimentos sociais. Educação de qualidade, por exemplo, é fundamental.

Unisinos

Embora existam muitas diferenças entre a Unisinos de hoje em relação àquela em que comecei a freqüentar, em 1985, a Universidade se tornou o meu ambiente de trabalho; não conheço outro. Toda a minha trajetória como aluno, pesquisador e professor desenvolveu-se na Unisinos. Sempre recebi aqui todas as condições para desenvolver o meu trabalho.

IHU

O Instituto Humanitas Unisinos tem uma função relevante e fundamental, que é promover a integração da Universidade com a sociedade. Com a promoção dos eventos e discussões, há um movimento constante, que se reflete fora da Unisinos. O IHU é hoje uma das portas de entrada da Unisinos.